

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA
CURSO DE MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA**

JEANE BARROS DE SOUZA SILVA

**ENCONTROS E DESENCONTROS NA TRAJETÓRIA
PERCORRIDA PELOS ADOLESCENTES A PARTIR
DA GRAVIDEZ**

FLORIANÓPOLIS - SC

2004

JEANE BARROS DE SOUZA SILVA

**ENCONTROS E DESENCONTROS NA TRAJETÓRIA
PERCORRIDA PELOS ADOLESCENTES A PARTIR
DA GRAVIDEZ**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Saúde Pública da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.*

Orientadora: Dr^a Elza Berger Salema Coelho

FLORIANÓPOLIS - SC

2004

JEANE BARROS DE SOUZA SILVA

**ENCONTROS E DESENCONTROS NA TRAJETÓRIA PERCORRIDA
PELOS ADOLESCENTES A PARTIR DA GRAVIDEZ**

Esta dissertação foi aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de **MESTRE EM SAÚDE PÚBLICA** – Área de Concentração: Saúde da Mulher

Dra. Sandra Noemi C. de Caponi
- Coordenadora PGSP -

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Elza Berger Salema Coelho
- Presidente –

Dra. Sandra Noemi C. de Caponi
- Membro -

Dra. Telma Elisa Carraro
- Membro -

Dra. Maria Cristina Marino Calvo
- Suplente -

Dedicatória

Dedico todas estas linhas escritas ao “meu lindo”, Erone Júnior, que esteve comigo em cada passo desta trajetória, dando-me carinho, estímulo, sugestões, sendo o melhor marido do mundo. Alguém que a cada dia aprendo mais a amar e a respeitar... com quem já compartilhei inúmeros encontros e desencontros... com quem desejo encontrar por toda minha vida.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, que com seu amor infinito me proporcionou sabedoria, paciência, fazendo-me forte e confiante durante toda esta jornada.

Ao meu lindo “Bidiú”, esposo, companheiro, amigo, eterno namorado, pela compreensão, carinho e verdadeiro amor, que soube com sua especial e atenciosa maneira de ser, auxiliar-me nesta trajetória, compreendendo meus momentos de ausência, motivando-me a prosseguir.

À minha querida mãe, Idaleti, que me deu a vida, pelo amor, pela atenção e pela força. Ao meu amado pai, Antônio, pelo apoio e pelas orações. A vocês, meus queridos pais, pela educação, pelo estímulo constante e principalmente por me ensinar a amar a vida e ao próximo.

À irmã e amiga Queila, pelo estímulo constante e por auxiliar-me diversas vezes neste caminhar.

À professora Elza, que orientou-me e auxiliou-me a chegar até aqui, pelos desafios compartilhados, pela atenção e pela dedicação em nossos encontros.

As professoras que participaram da banca examinadora, por prontamente aceitar o convite.

Aos queridos amigos de mestrado pelo compartilhar no aprendizado e pelos momentos de descontração vivenciados.

E especialmente aos adolescentes participantes desta pesquisa, que através de suas trajetórias de vida, proporcionaram-me conhecimento e experiências que marcaram meu viver.

A todos o meu muito obrigada e que Deus os abençoe ricamente!

RESUMO

SILVA, Jeane Barros de Souza. **Encontros e desencontros na trajetória percorrida pelos adolescentes a partir da gravidez.** Florianópolis, 2004. 89f. Dissertação [Mestrado em Saúde Pública] Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Florianópolis, 2004.

No Brasil e no mundo, a gravidez na adolescência vem sendo há várias décadas problematizada, sendo que seu estudo se justifica pelo aumento da ocorrência da mesma e os possíveis problemas a ela associados. Entretanto, observa-se que geralmente os estudos partem da perspectiva da adolescente grávida, havendo um silêncio sobre a paternidade nesta faixa etária. Assim, o presente trabalho tem como objetivo conhecer a trajetória percorrida por alguns adolescentes a partir da gravidez. Foram entrevistados dezoito adolescentes/pais - nove do sexo masculino e nove do sexo feminino - que tiveram filhos no período de 1998 a 2002, cadastrados no Programa Saúde da Família do município de Itapema. Foi realizada uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, utilizando-se algumas etapas da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1997), evidenciando-se quatro categorias: as atitudes dos adolescentes diante da gravidez, tendo como subcategorias o planejamento e a confirmação da gravidez; as transformações na vida dos adolescentes a partir da gravidez, tendo como subcategorias o relacionamento entre os adolescentes, a interrupção dos estudos e adquirindo responsabilidades; as diversas faces do apoio destinado aos adolescentes, tendo como subcategorias o apoio da família, o apoio do namorado e o apoio dos amigos; a vivência da maternidade e paternidade adolescente, tendo como subcategorias o arrependimento na vida dos adolescentes, a adolescente mãe e o adolescente pai. Concluiu-se que existem diferentes vivências da maternidade e paternidade adolescente, podendo ser esta experiência não apenas negativa, mas por vezes, repleta de significados positivos, evidenciando, principalmente, que a família, os amigos e os profissionais da saúde devem cumprir seu papel, ou seja, o de não apenas informar sobre a “prevenção” da gravidez e DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), mas também auxiliar os jovens que já são pais e mães, a vivenciarem sua trajetória de forma saudável, sendo cidadãos conscientes de seus deveres e direitos.

Palavras Chave: Gravidez. Adolescente. Maternidade. Paternidade.

ABSTRACT

In Brazil and all over the world, the teen pregnancy has become a problem, and its study is justified for the increasing occurrence of early pregnancy and the possible problems associated to it. Moreover, it's been observed that the issue usually starts from the pregnant teen's perspective, in case of an unknown paternity in this age group. This work objective is to know the path taken by adolescents starting from the pregnancy. Eighteen teenagers/parents (nine male and nine female), who had children in this period (1998 to 2002) were interviewed, registered in the Health Care Family Program in the city of Itapema. A descriptive research was accomplished with the qualitative approach, using some stages of the content analysis, proposed by Bardin (1997), evidencing four categories: the teenagers' behavior toward pregnancy, as sub-categories the planning and the confirmation of the pregnancy; the transformations on teenagers' life starting from the pregnancy, as sub-categories the relationship among the teenagers, the interruption of the studies and acquiring responsibilities; the several faces of the support destined to the adolescents, as sub-categories the support of the family, the boyfriend's and friends' support; the existence of the maternity and teenager paternity, as sub-categories the regret in the teenagers' life, the teenager mother and the teenager father. In short there are different existences of the teenager maternity and paternity, could be this experience not just negative, but, full of positive meanings, evidencing that the society, the family, friends and health professionals should have their role, in other words, not just informing about the pregnancy "prevention" and STD (Sexually Transmissible Diseases), but also help these teenagers that are already fathers and mothers, so that they can live their role in life in a healthy way, being conscious citizens of their duties and rights.

SUMÁRIO

1 PRIMEIRO COMPASSO: APRESENTAÇÃO	10
2 SEGUNDO COMPASSO: REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 ADOLESCÊNCIA	13
2.2 SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA	14
2.3 A GRAVIDEZ ADOLESCENTE	17
2.4 A FAMÍLIA DIANTE DA GRAVIDEZ.....	21
3 TERCEIRO COMPASSO: OBJETIVOS DA PESQUISA	25
3.1 OBJETIVO GERAL	25
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	25
4 QUARTO COMPASSO: O CAMINHO METODOLÓGICO.....	26
4.1 TIPO DE PESQUISA	26
4.2 LOCAL DA PESQUISA	27
4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	27
4.4 COLETA DE DADOS.....	28
4.5 TRATAMENTO DOS RESULTADOS.....	29
4.5.1 A Pré-análise	29
4.5.2 Exploração do material de análise	30
5 QUINTO COMPASSO: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	33
5.1. APRESENTANDO OS ADOLESCENTES	33
5.2 A TRAJETÓRIA DOS ADOLESCENTES A PARTIR DA GRAVIDEZ: O FOCO DA ATENÇÃO	35
5.2.1 Primeira Categoria: As atitudes dos adolescentes diante da gravidez	356
5.2.1.1 O planejamento da gravidez.....	36
5.2.1.2 A confirmação da gravidez	39
5.2.2 Segunda Categoria: As transformações na vida dos adolescentes a partir da gravidez	41
5.2.2.1 O relacionamento entre os adolescentes	42
5.2.2.2 A interrupção dos estudos.....	45
5.2.2.3 Adquirindo responsabilidades.....	48
5.2.3 Terceira Categoria: As diversas faces do apoio destinado aos adolescentes.....	50
5.2.3.1 O Apoio da família.....	51
5.2.3.2 O Apoio do namorado	53
5.2.3.3 O Apoio dos amigos	55
5.2.4 Quarta Categoria: A vivência da maternidade e paternidade adolescente.....	57
5.2.4.1 O arrependimento.....	57
5.2.4.2 A adolescentemãe.....	
5.2.4.3 O adolescente pai	
6 SEXTO COMPASSO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	71

ANEXOS	77
ANEXO 01: Termo de compromisso	78
ANEXO 02: Entrevista semi-estruturada	80
ANEXO 03: A enumeração: contagem das respostas das entrevistas	81
ANEXO 04: Características dos adolescentes entrevistados	83

1 PRIMEIRO COMPASSO: APRESENTAÇÃO

A vida é composta de várias trajetórias e estas são repletas de surpresas. Uma delas pode ser uma gravidez no período da adolescência, trazendo grande impacto na vida dos jovens.

A adolescência e a gravidez fazem parte do processo de desenvolvimento do ser humano, sendo uma fase de transição que necessita de reestruturação e reajustamento, principalmente quando os adolescentes filhos passam a ser adolescentes pais. Assim, analisando as associações de idéias presentes, o tema gravidez na adolescência e, dentro dele, a maternidade e paternidade, constitui objeto de estudo complexo.

A gravidez na adolescência vem sendo intensamente estudada no Brasil e no mundo e seu estudo se justifica pelo aumento da sua ocorrência e os possíveis problemas a ela associados, a ponto de ser considerada um problema de saúde pública.

O crescimento do número de adolescentes grávidas é constatado diretamente pelos serviços de saúde no Brasil (MELO, 2000; CARDOSO, 2000; DATASUS, 2002; BRASIL, 2001; BEMFAM, 2002, IBGE, 2002). No ano 2000, foram realizados 2,5 milhões de partos em hospitais públicos no Brasil, sendo que 27,56% (689 mil) foram de mães com idades entre dez e dezenove anos de idade. Portanto, de cada dez mulheres que têm filhos atualmente, duas são adolescentes.

Diante do número de gravidez adolescente, percebe-se que os profissionais da saúde têm caminhado em terreno de poucas certezas, questionando-se sobre até que ponto os métodos contraceptivos que oferecem maior margem de segurança (pílula, DIU) são inconvenientes e até mesmo contra-indicados para seu uso na adolescência.

Quanto a utilização do preservativo na adolescência, percebe-se que com o surgimento da AIDS, intensificaram-se as informações sobre o mesmo, sendo atualmente raro encontrar adolescentes que não tenham conhecimento dos porquês de seu uso. No entanto, esse conhecimento, muitas vezes, não se traduz em ação, pois entre a informação e a prática existem desencontros, podendo ser ocasionados pela limitação aos meios de prevenção, pela falta de diálogo entre pais e filhos ou ainda, pelo adolescente crer que a gravidez só acontece com os outros.

A incidência de gravidez na adolescência vem aumentando consideravelmente ano a ano, reforçando a necessidade de profissionais da saúde prepararem-se para o atendimento

específico dessa clientela, pois se configura enquanto problema de saúde pública.

A gravidez na adolescência vem sendo há várias décadas problematizada. No entanto, pouco se fala acerca do adolescente pai e ou do casal de pais adolescentes, considerando este acontecimento enquanto vivência feminina, dirigindo-se quase sempre para um dos protagonistas deste processo.

Sendo enfermeira, deparava-me constantemente com adolescentes grávidas, bem como com alguns de seus parceiros. Ao atendê-los, observava que havia vários enfoques nas histórias de tais gestações. Muitos questionamentos percorriam meus pensamentos quanto à vivência da gravidez, maternidade e paternidade adolescente: Como a futura mãe e futuro pai sentiam-se diante da gravidez? Aquela gravidez era planejada? Os adolescentes recebiam apoio de suas famílias e de sua rede social? A união dos adolescentes, após a gravidez, ocorria por desejo mútuo ou por sentirem-se forçados a tomar tal atitude? Será que se sentiam arrependidos em ter vivenciado a gravidez neste período? Quais eram as maiores transformações que ocorriam em suas vidas? Deixavam de estudar a partir da gravidez? Retornavam para os estudos após o nascimento do bebê?

Cursando o Mestrado em Saúde Pública, na área de Ciências Sociais - concentração em Saúde da Mulher - surgiu a oportunidade de buscar respostas para meus questionamentos. Assim, engajei-me na construção deste estudo, tendo como tema “A gravidez na adolescência”, onde surgiu a questão norteadora, que passou a definir o foco desta pesquisa:

Qual é a trajetória percorrida pelos adolescentes a partir da gravidez?

Neste estudo, delimitou-se que adolescentes são todos os indivíduos na faixa etária de 10 a 19 anos, seguindo o que determina o Ministério da Saúde (Brasil, 1993) e a Organização Mundial de Saúde (1995). A trajetória é entendida como o caminho que os adolescentes têm percorrido desde a confirmação da gravidez, até a vivência da paternidade e maternidade, conhecendo suas vitórias e seus obstáculos, os encontros e os desencontros enfrentados neste trajeto.

Por facilidade operacional, esta pesquisa foi escrita e sistematizada em capítulos. Como tenho intenso contato com a música – além de enfermeira sou regente de seis corais – decidi que os capítulos deste estudo seriam chamados de compassos, tal qual a divisão de um trecho musical.

O primeiro compasso é este, o momento de apresentação do trabalho realizado. O segundo, trata do referencial teórico, abordando temas como: adolescência; sexualidade na

adolescência; gravidez adolescente; a família diante da gravidez adolescente. O terceiro apresenta os objetivos propostos nesta pesquisa. No quarto, descreve-se o caminho metodológico, sendo uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada, com dezoito adolescentes (nove sexo feminino e nove do sexo masculino), residentes no município de Itapema – Santa Catarina. A sistematização dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (1997). Os resultados foram agrupados de acordo com as afinidades, compondo quatro categorias, a saber: as atitudes dos adolescentes diante da gravidez; as transformações na vida dos adolescentes a partir da gravidez; as diversas faces do apoio destinado aos adolescentes; a vivência da maternidade e paternidade adolescente. O quinto é destinado à apresentação dos adolescentes entrevistados, bem como à discussão dos dados. E finalmente no sexto compasso, apresenta-se as considerações finais desta pesquisa.

2 SEGUNDO COMPASSO: REFERENCIAL TEÓRICO

Discorrer sobre a trajetória de adolescentes a partir da confirmação da gravidez é desafiador devido suas várias interfaces. Sendo assim, torna-se imprescindível discutir algumas categorias teóricas, para subsidiar a futura análise do tema, tais como: adolescência, sexualidade na adolescência, gravidez adolescente e a família diante da gravidez adolescente.

2.1 ADOLESCÊNCIA

O termo adolescência em sua raiz etimológica é derivado do latim “adolescere” e significa crescer, crescer até a maioridade, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1997, p.9) Lei nº 8.069 de 13/07/1990, no Brasil considera-se “criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade”.

A Organização Mundial da Saúde (1989) recomenda que seja considerado adolescente o indivíduo com até 20 anos de idade. Segundo Vitiello (1993), nos Estados Unidos, o Comitê de Adolescência da Academia Norte Americana de Pediatria, tem como limite superior dessa fase a idade de 25 anos.

A Organização Mundial de Saúde, segundo Costa (2000), define adolescência como o período de vida em que o indivíduo passa do aparecimento das características sexuais secundárias à maturidade sexual. Os padrões psicológicos e a identificação do indivíduo evoluem para a fase adulta, ocorrendo a transição do estado de total dependência sócio-econômica para o de relativa independência.

“A adolescência é uma etapa de metamorfose, quando a criança começa a transformar-se em adulto, de quem se exigirá uma nova interação com o mundo e que receberá novas exigências do ambiente que a cerca” (ZAGONEL, 1998. p. 61).

De acordo com o Ministério da Saúde, a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, não podendo ser considerada meramente uma etapa da transição entre a infância e a idade adulta, pois é nela que culmina todo o processo de maturação biopsicossocial do indivíduo (BRASIL, 1993).

Meincke (1999), relata que a adolescência significa o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva, como também a estruturação da personalidade. O adolescente vive, segundo

Outeiral (1994), a perda de seu corpo infantil, com a mente ainda infantil e com o corpo que vai se fazendo inexoravelmente adulto, que ele teme, desconhece, deseja e provavelmente aos poucos, percebe que o mesmo é diferente do que idealizava ter quando adulto. Assim, querendo ou não, o adolescente é levado a habitar um novo corpo e a experimentar uma nova mente. Frente a esta transformação, desejada por um lado e por outro, vivida como uma ameaça e uma invasão, o adolescente busca um refúgio regressivo em seu mundo interno, dentro de si mesmo (em suas fantasias, devaneios e sonhos) ocorrendo, inclusive, momentos de concretização defensiva do pensamento, o que interfere em seu grau de compreensão através da perda da capacidade de abstração e do pensamento simbólico.

É a fase de descobertas, em que o mundo interior das fantasias se depara com a realidade da vida. O espírito crítico e a inconformidade com a realidade são traços característicos do adolescente, que exercita sua inteligência no questionamento de tudo que o cerca. Ele experimenta uma necessidade irresistível de rebelar-se contra a autoridade e procura a independência (CAMPOS, 1987).

Segundo Melo (2000), em alguns contextos, como por exemplo nos países latino-americanos, os quais passam por uma imensa e rápida transformação de sociedades tradicionais a sociedades urbanas, a adolescência pode se constituir numa fase particularmente sensível da vida.

O adolescer é um período privilegiado da existência humana, período este no qual as mudanças orgânicas, cognitivas, sociais e afetivas interferem largamente nos relacionamentos interpessoais do jovem, quer de ordem familiar, escolar e social, entre tantas dimensões possíveis onde possa haver relacionamento e diálogo. Considerado um período privilegiado porque é um momento único entre as vivências do ser humano, momento em que o adolescente descobre a vida dentro e fora de si, descobre o mundo que tem à frente para conquistar, buscando seu espaço na teia social, ao mesmo tempo em que deseja voltar à tenra infância. Descobre ainda tanto as dificuldades de um relacionamento afetivo mais profundo quanto às delícias de se sentir amado e querido por outra pessoa, desenvolvendo de maneira mais intensa sua sexualidade.

2.2 SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Atualmente meninos e meninas entram na adolescência cada vez mais cedo. O início da ejaculação e da menstruação indicam que eles estão começando a sua vida fértil, isto é, que

chegaram àquela fase da vida em que são capazes de procriar, segundo Reis e Ribeiro (2001). Observa-se que a idade em que ocorre a menarca tem se adiantado em torno de quatro meses por década. Nos últimos cem anos, a média da idade da primeira menstruação caiu de algo em torno dos dezesseis anos para um número próximo dos doze anos (BEHLE, 1991). Sendo assim, não é nenhuma surpresa o aumento das gravidezes em adolescentes mais jovens.

Segundo Zagonel (1998), a adolescência não indica maturidade sexual e conseqüente responsabilidade reprodutiva, porém maior liberdade de atuação sexual, apesar do adolescente ainda conviver com inibições pessoais e preconceitos impostos pela família e pela sociedade. Surgem então os relacionamentos sexuais muito mais voltados a atender impulsos que a consolidar uma relação afetiva concreta. A própria sexualidade dos meninos e das meninas jovens, de acordo com Pólis (1997), vê-se contrariada pelos projetos que a sociedade lhes impõe visando determinados fins, como por exemplo: a manutenção da reprodução dentro do marco da família; a necessidade de mão-de-obra qualificada em condições de participar da sociedade de consumo; e a intenção de conter a pobreza por meio da diminuição de nascimentos, sobretudo daqueles partos cujas mães sejam adolescentes pobres, na medida em que a pobreza exige do Estado assistência, políticas públicas de saúde, de educação, de habitação, entre tantos outros.

Quanto à vivência da sexualidade na adolescência, Ferreira (2000, p. 33), relata:

a impressão é que os adolescentes, ainda não bem seguros na vivência de sua própria sexualidade, costumam confundir ou não ter bem diferenciado o que é desejo sexual, prazer, fertilidade e prevenção. As sensações até então desconhecidas e o pouco espaço propiciado aos jovens para discutir abertamente as questões ligadas à sexualidade, facilitam para que encontrem no plano imaginário a saída para as dificuldades com que se defrontam. Sustentados magicamente no argumento de que “comigo não vai acontecer”, terminam por trair a si próprios nas intenções de não engravidar.

Na adolescência é que se marca a vivência distinta da sexualidade para os dois sexos onde, permissões e incentivos são dados ao sexo masculino enquanto proibições e culpas para o feminino. Para Trindade (apud MEINCKE, 1999), os rapazes ainda hoje são educados de modo a curtir a vida sem assumir responsabilidades. Se a adolescente fica grávida, é problema dela, ela deveria ter se cuidado. Parker (1991), salienta que é preciso levar em consideração o questionamento da dupla moralidade vigente em nossa sociedade, em que a iniciação sexual dos rapazes é estimulada, enquanto que para as moças interpõem-se restrições.

De acordo com Oliveira e Carneiro (1995), as questões relativas à sexualidade e à

reprodução vêm sofrendo transformações profundas, em decorrência do progresso científico e tecnológico nesta área, das reivindicações dos movimentos sociais – particularmente dos movimentos de mulheres – e da atuação dos meios de comunicação de massa que, entre outros fatores, são responsáveis por alterações substanciais no comportamento feminino na atualidade. Estas alterações se expressam fundamentalmente por um distanciamento crescente entre as esferas da sexualidade e da reprodução.

A adolescência é a fase da explosão hormonal, e por isso, o jovem gosta de pornografia, decorando geralmente o seu quarto com fotos de mulheres nuas. Mas este é só um lado da questão, pois o outro lado diz respeito à confusão mental que revistas, publicações e *sites* pornográficos têm provocado nos jovens. O adolescente tem muita dúvida – quer saber o que é amor, sexo, penetração – é a busca da elucidação do erotismo natural e saudável de seu ser. Isto é bom e desejável. Mas, por respeito ao adolescente, estas questões têm que ser mostradas com pertinência e sensibilidade e não em situações grosseiras (pornográficas) e gratuitas que ilustram muitas destas publicações que, ao invés de ensinar o adolescente, o confunde e o violenta numa fase delicada de transição, roubando-lhe condições de uma boa individuação (SANTIAGO, 1999).

Geralmente, desde a infância, aprende-se que se deve falar às escondidas sobre sexo, sendo uma razão suficiente para torná-lo ainda mais complexo do que algo que é discutido de forma aberta. Segundo Foucault (1988), a repressão sexual iniciada no séc. XVII, não impôs o silêncio ao sexo e nem o deixou na obscuridade, mas o valorizou como segredo.

As escolas entraram em cena como mentores da educação sexual, mas pouco mais têm feito do que ampliar as informações sobre a anátomo-fisiologia dos órgãos sexuais e o mecanismo de reprodução. Segundo o Ministério da Saúde (2001), em geral os adolescentes são pouco informados a respeito de sexualidade e reprodução. Têm dificuldades para dizer não ao sexo indesejado, ou mesmo para negociar a prática do sexo seguro. Ainda assim, muitos parecem acreditar que, negando aos jovens informações sobre sexualidade e contracepção, estariam evitando o início precoce da vida sexual. O que ocorre de fato, é que a educação sexual de qualidade dá ao adolescente condições para escolher o momento apropriado para o início da vida sexual segura, saudável e prazerosa. Mas, poucos adolescentes estão tendo a oportunidade de obter uma adequada educação sexual, segundo Spitz (1997), um em cada três adolescentes tem sua primeira relação sexual sem proteger-se, estando assim expostos a doenças sexualmente transmissíveis, bem como à gravidez.

A atividade sexual das adolescentes é geralmente eventual, justificando para muitas a

falta de uso rotineiro de anticoncepcionais. A maioria não assume diante da família a sua sexualidade, nem a posse do anticoncepcional, que denuncia uma vida sexual ativa (BALLONE, 2003). A sexualidade está evidente na adolescência, sendo o seu exercício norma saudável. A prática do sexo na adolescência necessita ser encarada pelos jovens e pelos profissionais de saúde com seriedade, pois através do relacionamento sexual poderá ocorrer uma gravidez planejada e desejada, ou quando impensada, poderá ocasionar sérias conseqüências na vida dos envolvidos.

2.3 A GRAVIDEZ ADOLESCENTE

Historicamente, a idade das mulheres terem filhos está relacionada aos mecanismos gerados pela sociedade. No início do século passado, a faixa etária entre 12 e 18 anos não tinha o caráter de passagem da infância para a vida adulta no Brasil. E as meninas de elite entre 12 e 14 anos estavam aptas para o casamento; não casá-las nessa idade era problemático para os pais uma vez que, após os 14 anos, começavam a se tornar velhas para procriar e as uniões destes adolescentes eram abençoadas pela igreja (PÓLIS, 1997). Por evidências históricas como esta, é possível perceber que a significação da gravidez na adolescência se modifica de acordo com as redes de relações culturais, econômicas e sociais constituídas entre os homens.

Na tese de doutorado de Reis (1993), encontramos a análise de artigos da área da saúde sobre o tema adolescente grávida entre 1930 e 1989. De acordo com este autor, o discurso da adolescente grávida nos anos 30 e 40 estava intimamente associado ao bio-naturalismo, adotando a noção de risco. Nos anos 50, nos EUA, a gravidez e a adolescente passaram a ser conjuntamente tratadas através da temática obstétrica-pediátrica, coletiva e preventivista. Entre as décadas de 50-60, passou a ser problematizada numa dimensão mais abrangente. Já nos anos 70, surgem as primeiras propostas da temática comunitária. E nos anos 80, direciona-se principalmente para uma estratégia da Saúde Pública aos grupos mais vulneráveis da sociedade, tendo inclusive a tarefa de prevenir a gravidez a despeito da adolescente desejá-la.

A gravidez na adolescência, segundo Rodrigues et al. (1993) e Wajmann et al. (1988), é um somatório de crises, sendo este um dos motivos para que o assunto “gravidez na adolescência” seja tão focado no Brasil e no mundo. De acordo com Oliveira (1998), o aumento na freqüência de ocorrência da gravidez adolescente e os possíveis problemas a ela

associados, justificam a preocupação com este tema, a ponto de ser considerada um problema de saúde pública.

De acordo com dados do DATASUS (2002), ocorrem por volta de 700 mil partos de adolescentes no Brasil por ano. Segundo Martins (2002), em 1991, as mães adolescentes eram responsáveis por 16% dos nascimentos, mas passaram, no Brasil, para 21,2% em 2001. O Norte e Centro-Oeste são as regiões que concentram o maior número de gravidez na adolescência, sendo responsável por um quarto do número das crianças que nascem. Em 2000, foram registrados 18 mil bebês filhos de garotas com menos de 15 anos.

O aumento do índice de gravidez na adolescência provocou um estado de alerta e preocupação nos especialistas em saúde pública em nosso país. Esse quadro gera inquietações em duas dimensões: revela uma tendência continuada de aumento dos índices de gravidez na adolescência e da precocidade destas gestações; por outro lado, gera uma nova sensibilização quanto à idade ideal para se ter filhos, discussão dos contextos no qual ocorre a maternidade e paternidade adolescente.

Reis (1993) chama a atenção para o fato de que o discurso da Saúde Pública quanto à gravidez adolescente, poderia abrir-se ao desejo da jovem de engravidar e constituir-se numa ação que não seria nem negativa, nem moral, mas ética, possibilitando que a mesma assumisse um lugar neste discurso e o sustentasse em seu próprio nome.

Freqüentemente os jovens adotam a conduta de “assumir” a gravidez. É um assumir que vem como um “castigo” encoberta por racionalizações que preservam a gravidez. Torna-se difícil para os jovens aceitar que a gravidez seja decorrente de um incidente biológico e não de um planejamento consciente e consistente, ou que não estão psicologicamente preparados para serem mães e pais, ou ainda que não há condições socioeconômicas para se criar um filho (TIBA, 1986).

Geralmente quando uma adolescente engravida, os pais e os adolescentes visualizam algumas possibilidades: praticar abortamento, realizar um casamento ou ainda permanecer solteira e assim assumir a gravidez. Sabe-se dos riscos físicos e psicológicos da prática do abortamento provocado. Será que a melhor solução é um casamento entre jovens que mal se conhecem? Ou será que deve-se induzir separações antes mesmo do nascimento da criança? Ou ainda ser mãe solteira, adolescente? Fica difícil de encontrar uma solução "ideal" para uma gestação na adolescência. O que na maioria das vezes se faz é eleger qual a solução "menos má" para cada caso. Por este fato, muitos autores acreditam que a melhor solução para

uma “gravidez indesejável” na adolescência, é evitá-la!

Uma questão importante que Reis e Ribeiro (2001) levantam é que muitas vezes, a dificuldade de contar o fato para a família ou até mesmo constatar a gravidez, faz com que as adolescentes iniciem tardiamente o pré-natal – o que possibilita a ocorrência de complicações e aumento do risco de terem bebês prematuros e de baixo peso. Além disso, não é raro acontecer, em seqüência, uma segunda gravidez na jovem mãe. Daí a importância adicional do pré-natal como fonte de orientação.

Paula (1992) em sua dissertação de mestrado evidencia que para algumas moças a gravidez faz parte de seus projetos de vida, não sendo nem irresponsável, nem acidental:

No momento em que a adolescente se agarra ao papel de mãe, parece estar buscando a autoridade e o poder pertinente ao mesmo. A gravidez na adolescência está sendo entendida [...] como um modo de resistência encontrado pela adolescente para contrapor-se à autoridade do adulto [...] através da função materna socialmente valorizada (PAULA, 1992, p. 57).

Muitas vezes uma jovem desamparada, que não desfrute de condição de vida digna, pode pensar que tornando-se mãe se libertará da miséria e obterá o respeito das pessoas. Esta idéia baseia-se na crença de que a sociedade tende a valorizar a figura da mãe e a ter maior consideração pelas gestantes. Mesmo que exista um pouco de verdade nisto, muitas jovens descobrem que a maternidade ao invés de premiá-las com os benefícios esperados, poderá lhes trazer mais dificuldades e responsabilidades (REIS e RIBEIRO, 2001).

Dandoorian (1996) contrariou a literatura tradicional em sua pesquisa, ao encontrar adolescentes contentes com a perspectiva de serem mães e pais, desejando seus filhos. Sendo assim, os adolescentes não formam um bloco indiferenciado ou homogêneo, independente das relações sociais e das camadas econômicas nas quais estão inseridos.

De acordo com Ferreira (2000, p. 114):

a concepção de que a gravidez na adolescência é precoce conecta-se com as expectativas sociais atuais de que esta é uma passagem para a vida futura, de responsabilidade e funções sociais mais relevantes. Neste sentido, configura-se como um período que é passageiro e também impróprio para acolher eventos importantes.

Vitiello (1993) constata ótimos resultados perinatais, sempre que a gestação na adolescência for voluntária e ocorrer em situações socialmente favoráveis, sendo as complicações clínicas e obstétricas atribuídas à falta de atendimento.

De um modo geral, pesquisadores e clínicos tendem a ver de forma negativa a

gravidez na adolescência. Segundo Santiago (1999); Ionescu et al.(1988); OMS (1989); Takiuti (1994) entre tantos outros, não é recomendável que a menina adolescente engravide devido vários motivos, quais sejam os físicos, os emocionais e os econômicos. Mas se a adolescente não está preparada para ser mãe, tampouco o pai, somada a cultura de que na maternidade adolescente, o homem se desliga muito facilmente do seu papel fazendo com que os filhos sejam orientados por mulheres. Já nas consultas de pré-natal, geralmente, as jovens vão acompanhadas das mães, excluindo o lugar do pai adolescente.

Não foi encontrada estatística mais atualizada acerca da paternidade na adolescência, mas estimativas da Organização Mundial de Saúde – OMS, apresentadas por Helena (1995), já mostravam que cerca de um milhão de adolescentes tornam-se mães a cada ano. De acordo com entidades que atendem as jovens mães, na época, para cada três mães adolescentes, existia um pai adolescente, levando à estimativa de que aproximadamente 300 mil rapazes tornavam-se pais no Brasil a cada ano.

Infelizmente, a produção de conhecimentos no Brasil acerca da paternidade adolescente é escassa. Para Lyra (1999), o silêncio sobre a paternidade adolescente decorre de dois fatores: o filho ser percebido em nossa sociedade, como “sendo da mãe” e o adolescente ser, principalmente, reconhecido no papel de filho.

Diante da própria gravidez ou da gravidez da namorada, muitos adolescentes pensam na possibilidade do aborto, mas o mesmo não deve ser considerado como uma técnica de “contracepção” ou de controle de natalidade. O ideal seria não ter que recorrer a ele. Isso supõe que os métodos contraceptivos estejam suficientemente desenvolvidos, esclarecidos e ensinados. Mas estamos diante de problemas complexos, que dizem respeito tanto a um não conhecimento adequado dos métodos contraceptivos, quanto a um desejo de engravidar, consciente ou inconsciente.

A paternidade adolescente também tem conseqüências não desejáveis para o jovem, como: maior freqüência ao abandono dos estudos, à sujeição a trabalhos aquém da sua qualificação, a prole mais numerosa e a maior incidência de divórcios (OPAS, 1995; CARDOSO, 2000; GROETZE e LISBOA, 2002).

Muito interessante é o que afirma Ferreira (2000), quanto a gravidez na adolescência, pois se a mesma é pensada na perspectiva médica, remete-se a inúmeras interpretações, favoráveis ou não, à saúde da adolescente e do filho. Se o olhar é da educação, implica um campo de controvertidas concepções. Se o olhar é da antropologia, remete-se às evidências da

cultura, à desnaturalização do problema, ampliando e arejando as percepções culturais mais contaminadas pelos preconceitos. Portanto, são vários discursos, que interligados, atribuem significação à gravidez adolescente.

A compreensão da gravidez na adolescência, tanto no que se refere à maternidade quanto à paternidade, passa pela admissão de sua complexidade, sendo múltiplas as possibilidades de determinação. Para a ocorrência da gravidez na adolescência confluem diversos fatores culturais, sociais, afetivos e cognitivos, ou seja, tanto os fatores micro-sociais, referentes às condições objetivas e subjetivas da vida do sujeito em questão, quanto os fatores macro-sociais, como a classe social da qual ele é proveniente, fazem parte do processo (TRINDADE e MENANDRO, 2002). As mesmas autoras ainda advertem que um ponto importante para o planejamento de pesquisas e ações que tenham como foco a gravidez adolescente é a revisão de concepções e valores, considerando toda a complexidade de aspectos relacionados a esse processo.

Diante disto, cada vez mais, faz-se necessário discutir e problematizar a vida reprodutiva dos adolescentes, através de uma abordagem com um caráter menos coercitivo, formulando programas mais adequados às necessidades enfrentadas pelos mesmos, sem pré-conceituar a paternidade e a maternidade, nessa fase, como pura e simplesmente negativa, provocada sempre por irresponsabilidade dos jovens.

2.4 A FAMÍLIA DIANTE DA GRAVIDEZ

O adolescente, como todo ser humano, necessita de um grupo para viver, por conseguinte, nasce como membro de uma família. De acordo com Nitschke (1991), cada família tem uma história, onde cresce, se desenvolve e sofre mudanças, passando por vários estágios. E os adolescentes ao saberem que serão pais, passam a vivenciar a gravidez, sendo uma trajetória que se caracteriza por mudanças, podendo inclusive gerar o início de uma nova história familiar, através do casal adolescente e a futura criança.

A família, segundo Maldonado (1997, p. 29), é:

um sistema organizado, com uma estrutura peculiar, canais de comunicação e elementos característicos. Portanto, qualquer evento que ocorre com uma das partes desse sistema atinge o sistema inteiro; logo, a gravidez é uma experiência que pertence à família como um todo.

O significado da gravidez na adolescência é encarado pela família de acordo com sua

cultura própria, que irá aceitar ou não o acontecimento, de acordo com seus padrões de crenças e valores.

A gravidez para os adolescentes é um período problemático de âmbito geral e as repercussões deste acontecimento em suas famílias, podem gerar um momento de crise familiar (SPERAW, 1987; BARROSO et al., 1986; PATRÍCIO, 1990). A família tem um papel fundamental na vida do adolescente, sendo que muitas se solidarizam perante a gravidez de seus filhos adolescentes, auxiliando-os a vivenciar este processo, enquanto que outras, ignoram e ou não aceitam o fato.

De acordo com Takiuti (1990, p. 78), “os filhos são assexuados para os pais; os mesmos querem continuar sendo mães e pais de crianças, e crianças não engravidam. Não admitem que as adolescentes possam ter sensações adultas, possam ter relações sexuais quanto mais estarem grávidas.”

Uma adolescente é geralmente considerada uma criança pelo seu círculo familiar, não imaginam que essa “criança” possa gerar outra criança. Ou então pensam que tal fato só pode acontecer com outros. Um dos maiores dramas é a dificuldade de sua família reconhecer a gravidez (SPITZ, 1997).

Pinto (1999) relata que uma das causas da gravidez adolescente é a falta de diálogo em casa. De uma forma geral, casais adolescentes que engravidam vêm de famílias onde a sexualidade é tabu, assunto no qual não se toca, um grave erro de grande parte das famílias brasileiras. Por não terem com quem dialogar sobre a própria sexualidade, os jovens acabam por fazer uso inadequado da sexualidade recém-descoberta.

Segundo Borges (1999), os estudos têm demonstrado e pesquisadores tem discutido sobre as relações de gênero, que estão imbricadas no cotidiano social e cultural dos adolescentes e suas famílias. Estas relações são construídas e integradas através das gerações, fluindo, assimilando novas tendências e reconstruindo outras, gerando representações e práticas passíveis de serem observadas na perspectiva concreta de vida dos adolescentes e de suas famílias.

Normalmente a adolescente grávida enfrenta sozinha o processo da gravidez, já que geralmente o companheiro não assume e a família a recrimina. Quando há cobrança dos pais e irmãos, pode abalar a auto-estima da adolescente, aumentando o seu sentimento de culpa, e ela, acuada, acaba abandonando os estudos e/ou trabalho. Seu estado emocional é fortemente abalado, e a gravidez passa a ser vivida como um momento de muitas perdas: da identidade,

da confiabilidade da família, interrupção nos estudos, muitas vezes perda do namorado, por não assumir a paternidade, perda de expectativa de futuro e da proteção familiar (JREISSATI, 2001).

A gravidez na adolescência intensifica conflitos, principalmente com a família, no momento em que não há a responsabilidade do companheiro. No entanto, quando o companheiro da adolescente apóia a mesma, desejando inclusive casar-se, surge outro problema, segundo Costa (1986), pois o procedimento para o casamento entre adolescentes previsto na lei é tão complicado, que algumas famílias optam pela falsidade na declaração de idade, ou até desistem de tal procedimento.

Diante da sua família e da sociedade, o adolescente enfrenta perante a paternidade, todas as suas carências. Ele também tem a dependência familiar afetiva e econômica, dando-se conta que tem de ser mais produtivo e que deve prover de alimento outra família. Se a família dos adolescentes for capaz de acolher o novo fato com harmonia, respeito e colaboração, esta gravidez tem maior probabilidade de ser levada a termo normalmente e sem grandes transtornos. Porém, havendo rejeição, conflitos traumáticos de relacionamento, punições atroz e incompreensão, os adolescentes poderão sentir-se profundamente sós nesta experiência difícil e desconhecida, correndo o risco de procurar abortar, sair de casa, submeter-se a toda sorte de atitudes, acreditando que “resolverão” seus problemas. Principalmente a adolescente, precisa encarar sua gravidez a partir do valor da vida que nela habita, precisa sentir segurança e apoio necessários para seu conforto afetivo, precisa dispor de um diálogo esclarecedor e, finalmente, da presença constante de amor e solidariedade que a ajude nos altos e baixos emocionais, comuns na gravidez, até o nascimento de seu bebê (BALLONE, 2003).

Os adolescentes devem ser amparados e cuidados, por todas as pessoas que os cercam, principalmente família, amigos, professores e profissionais da saúde. Quando a família apóia os adolescentes, não significa que estão estimulando a gravidez, mas que estão criando condições necessárias para que esses jovens vivenciem a maternidade e a paternidade.

A problematização nos campos da pesquisa e da intervenção pode seguir caminhos distintos no caso da maternidade e paternidade adolescente, pois se pode considerá-la sempre indesejável e patologizá-la prevendo processos de intervenção repressivos e excludentes, ou considerá-la como uma experiência que pode ser positiva para certos adolescentes, sendo necessário apóia-los. Desta forma, a maneira de problematizar e intervir dependerá da opção de valores assumida.

A partir de então, percebemos ser relevante pesquisar acerca da gravidez adolescente, tendo a hipótese de que poderemos encontrar adolescentes descontentes, bem como outros felizes e realizados com o acontecimento da gravidez em seu processo de viver. Assim, delimitamos os objetivos desta pesquisa, que serão apresentados no próximo compasso.

3 TERCEIRO COMPASSO: OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer a trajetória percorrida pelos adolescentes a partir da gravidez.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir as atitudes dos adolescentes quanto ao planejamento e confirmação da gravidez;
- Identificar as transformações ocorridas no processo de viver dos adolescentes, a partir da gravidez;
- Identificar se os adolescentes receberam apoio a partir da gravidez, evidenciando-o dentre suas relações sociais;
- Descrever como os adolescentes vivenciam a maternidade e a paternidade.

4 QUARTO COMPASSO: O CAMINHO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos propostos, faz-se necessário definir o caminho metodológico para direcionar a pesquisa. Para tanto, optou-se em realizar uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, como veremos a seguir.

4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa descritiva definida por Polit e Hungler (1995, p.119), é aquela “cujo propósito é o de observar, descrever e explorar aspectos de uma situação”. Gil (1991), argumenta que algumas pesquisas descritivas têm por objetivo estudar as características de um grupo, levantando a opinião, atitudes e crenças de uma população.

A pesquisa qualitativa resulta na compreensão do significado e intenção do ato, analisando a experiência dentro de um contexto incluindo as relações sociais (MINAYO, 1998).

Para Chizzotti (1995 p.79), abordagem qualitativa é:

A abordagem, que parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

A sistematização dos dados, baseou-se na adaptação da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977, p.42), que a define como sendo:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas), destas mensagens.

De acordo com Minayo (1998), nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. Esta afirmação veio ao encontro da escolha deste tema de pesquisa, por ser um problema vivenciado em minha prática diária, pois como enfermeira, tenho atendido muitas adolescentes grávidas e mães, juntamente com seus parceiros. E nesta vivência profissional, tenho observado o quanto ainda se faz

necessário pesquisar acerca da gravidez adolescente, que é repleta de pré-conceitos e atualmente povoada por antagônicos discursos, onde muitos afirmam que a gravidez adolescente é sempre prejudicial e indesejável, enquanto outros já estão se abrindo para a possibilidade de ser algo desejável e de direito dos adolescentes. Assim, decidi realizar este estudo, na perspectiva de me despir de pré conceitos quanto a este tema, disposta a conhecer a trajetória percorrida pelos adolescentes, a partir da gravidez.

4.2 LOCAL DA PESQUISA

O local de pesquisa teve como cenário a rede pública de saúde de Itapema-SC, tendo como referência o Programa Saúde da Família (PSF), a partir dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS), para a identificação dos adolescentes e familiares.

Itapema localiza-se no litoral de Santa Catarina, sendo um município com 25.857 habitantes, numa área geográfica de 87 Km². Entre a Serra dos Macacos e o mar, teve inicialmente suas terras ocupadas com atividades agrícolas de subsistência, associadas à pesca artesanal e, mais tarde, às atividades turísticas balneárias. Ao longo de sua história, desde quando Itapema era conhecida por Tapera, o mar e as terras junto a sua orla foram os elementos fundamentais à sobrevivência da população (Farias, 1999). Neste município, desde julho de 2000, desenvolve-se o PSF¹, que foi implantado inicialmente com cinco equipes, havendo atualmente nove, cobrindo todos os bairros de Itapema.

A visita domiciliar, uma das atividades dos profissionais do PSF, possibilita conhecer o contexto social da comunidade e a constatação “in loco” das reais condições de habitação, bem como a identificação das relações familiares, podendo ainda contribuir para a melhoria do vínculo e interação entre os mesmos (BRASIL, 2001). A partir da concepção da assistência do PSF, esta pesquisa desenvolveu-se nas residências dos adolescentes, proporcionando comodidade e descontração durante as visitas.

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesta pesquisa foi determinada como clientela os adolescentes com idade entre 10 e

¹ Nota: Cada equipe do PSF do município de Itapema consta dos seguintes profissionais: 01 médico, 01 enfermeiro, 02 auxiliares de enfermagem e 06 a 08 agentes comunitários de saúde. Conta-se também com uma equipe de saúde bucal, para cada duas equipes de PSF.

19 anos, que tiveram seus filhos no período de 1998 a 2002, que têm sido acompanhados pelos ACS e quando necessário, dos demais profissionais do PSF de Itapema.

No primeiro contato com os adolescentes, foi exposto o objetivo da pesquisa e os mesmos foram convidados a participar, momento em que assinaram o termo de consentimento (anexo 01), afirmando que participavam de forma voluntária, tendo a liberdade de desistir a qualquer momento.

De acordo com o novo Código Civil (Lei nº 10.406/02), em seu art. 5º, diminuiu a idade para aquisição da maioridade civil, de vinte e um para dezoito anos. Como alguns participantes da pesquisa ainda não tinham atingido sua maioridade, seus responsáveis também assinaram o termo de consentimento, seguindo orientação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi observada ainda a Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996).

A amostra foi definida a partir dos adolescentes que aceitaram participar do estudo, uma vez que o tamanho da mesma não poderia ser definido por um número específico e sim até que ocorresse a saturação dos dados. Assim, a medida em que os dados foram sendo coletados e as informações tornam-se repetitivas, não produzindo novas informações, a coleta foi encerrada.

Nesta fase, procurou-se entrevistar a mesma quantidade de adolescentes de ambos os sexos, a fim de conhecer a trajetória percorrida pelos mesmos, evidenciando assim os dois protagonistas: pai e mãe. Desta forma, foram entrevistados nove adolescentes/pais e nove adolescentes/mães, seguindo o método da saturação dos dados, segundo Polit e Hungler (1995).

Houve fácil acesso aos adolescentes de ambos os sexos, sendo que mesmo quando o casal estava separado no momento da pesquisa, um deles fornecia o endereço do outro para que pudéssemos entrevistá-los. Salientamos que houve casos em que após o rompimento do namoro, alguns adolescentes mudaram-se para outro município, não havendo condições de incluí-los na pesquisa.

4.4 COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados, utilizou-se a entrevista semi-estruturada (anexo 02). De acordo com Minayo (1998), a entrevista semi-estruturada permite que os participantes da

pesquisa abordem livremente o tema proposto, possibilitando interação entre entrevistadora e entrevistados.

Durante a coleta dos dados, os adolescentes foram estimulados pela pesquisadora a expressarem seus sentimentos, preocupações e expectativas, desde a confirmação da gravidez, até o momento atual, captando valores, símbolos e percepções que envolveram a trajetória da gravidez/ maternidade/ paternidade. Procurou-se respeitar os valores e a cultura dos participantes, tentando estimular o fluxo natural das informações.

É importante salientar que com a autorização dos participantes, as entrevistas foram gravadas em fita K7, com o intuito de garantir a fidedignidade das informações para proceder a análise.

Para garantir o sigilo e a privacidade dos adolescentes, foi utilizado codinomes nos relatos das entrevistas. Havia uma imensidão de nomes a escolher, mas sendo admiradora da música e também atuante nesta área, optei em substituir o nome dos participantes da pesquisa, por alguns dos instrumentos musicais. Assim surgiram o Violino, o Flautim, o Triângulo, o Fagote, o Trompete, o Trombone, o Saxofone, o Piano e o Violão (adolescentes/pais), bem como a Harpa, a Clarineta, a Tuba, a Flauta, a Viola, a Bateria, a Sanfona, a Trompa e a Rabeca (adolescentes/mães).

4.5 TRATAMENTO DOS RESULTADOS

A sistematização dos dados da pesquisa foi segundo algumas etapas da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), tais como: a pré- análise e exploração do material de análise, que serão abordadas a seguir.

4.5.1 A pré-análise

Consiste na organização dos conteúdos a serem analisados, e, de acordo com Bardin (1977, p.95), “corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais de maneira a conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”.

Neste primeiro momento, fez-se a leitura flutuante dos dados obtidos nas entrevistas, escolhendo documentos para a constituição do “corpus”. Para Bardin (1977, p. 96-97), a

constituição do “corpus”, “é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”.

A escolha dos documentos, foi realizado a partir da leitura flutuante das entrevistas, localizando as frases que pudessem constituir-se em objeto de análise. Esta escolha, segundo Bardin (1977, p. 96), corresponde “ao universo de documentos susceptíveis de fornecer informações sobre o problema levantado”.

As falas foram transcritas na íntegra, através das gravações realizadas durante a coleta dos dados. Mas havia a necessidade de realizar a seleção preliminar, ou seja, eliminar dados que não estavam de acordo com os temas, como as interrupções devido choro do filho, toque do telefone e assuntos não pertinentes à pesquisa, como novelas, maquiagem, temporada de verão, entre outros; conteúdos que foram excluídos do “corpus” de análise. Portanto, após a exclusão de informações, não consideradas material de análise, os dados levantados nas entrevistas integraram o universo de análise, constituindo assim o “corpus”.

4.5.2 A exploração do material de análise

A exploração do material é o momento de organizar a codificação. A codificação, segundo Bardin (1977, p. 103):

corresponde a uma transformação, efetuada segundo regras precisas, dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão, susceptível de esclarecer ao analista acerca das características do texto.

A exploração do material, segundo Bardin (1977), compreende três escolhas:

- O recorte: escolha das unidades;
- A enumeração: escolha das regras de contagem;
- A classificação e agregação: escolha das categorias.

a) O recorte: escolha das unidades

Nesta etapa, havia a necessidade de escolher as unidades de análise. Assim, as categorias foram definidas “a priori”, seguindo os temas das perguntas que direcionaram as

entrevistas, tais como: o planejamento, a confirmação da gravidez, as transformações ocorridas a partir da gravidez, o apoio recebido, o arrependimento, a vivência da maternidade e paternidade na adolescência. Além disto, realizou-se inúmeras vezes a leitura do “corpus”, ou seja, dos dados selecionados para análise, com o cuidado de observar quando outro tema pudesse, também, fornecer material de análise.

A ampliação dos temas de pesquisa vem ao encontro da regra da exaustividade, uma vez que segundo Bardin (1977), não se pode deixar de fora qualquer dos elementos por esta ou aquela razão. Mas durante a leitura, foi constatado que todos os dados levantados nas entrevistas, estavam de acordo com os temas já estabelecidos, não necessitando da ampliação de novos temas.

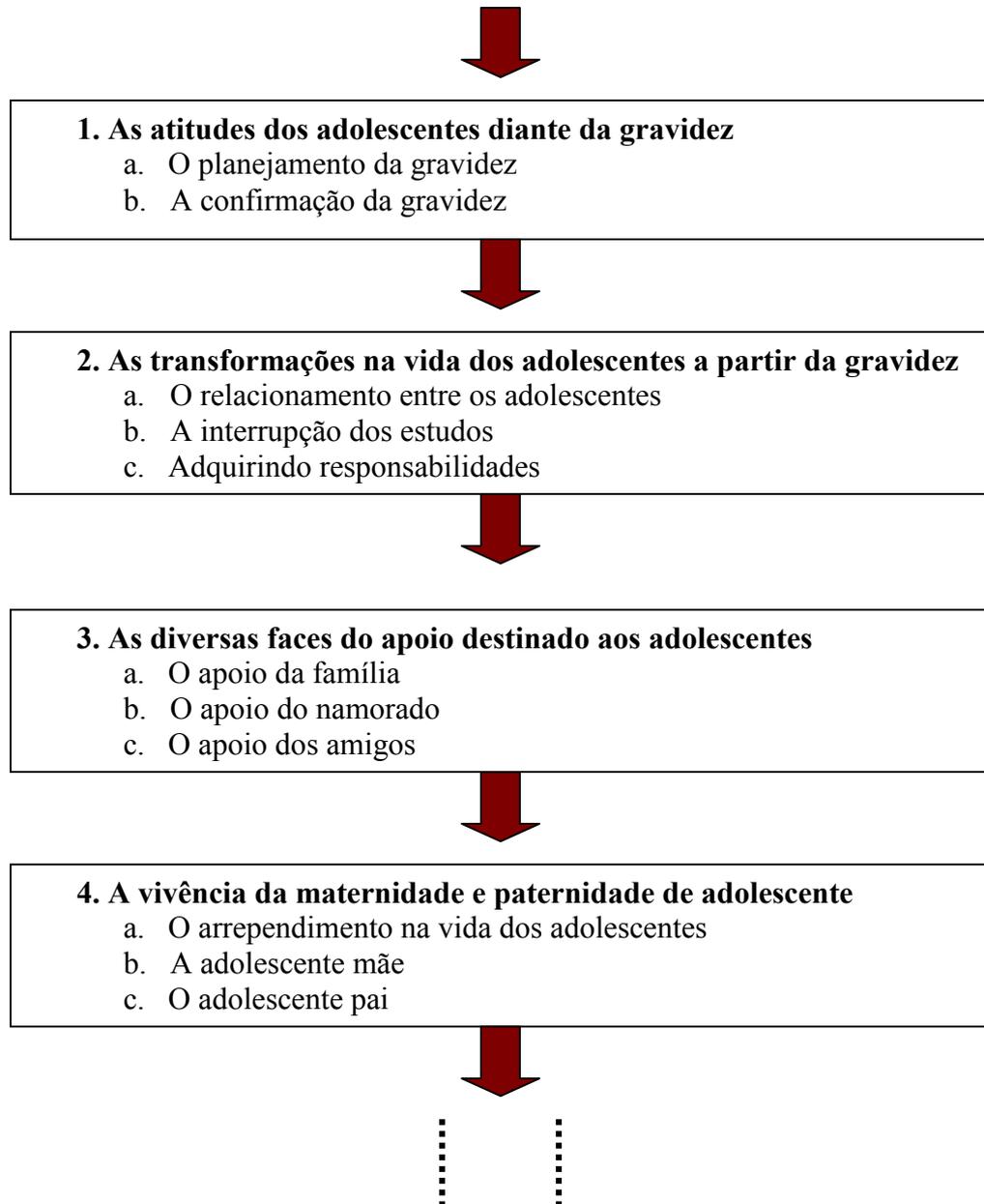
b) A enumeração: escolha das regras de contagem

Tendo nas mãos as categorias provisórias, passou-se então a enumerar os dados mais evidentes. Primeiramente, foram transcritos num grande cartaz, todos os relatos das entrevistas. Estes, foram agrupados de acordo com as perguntas, onde realizou-se a separação das respostas semelhantes, para finalmente poder acontecer a contagem das respostas (anexo 03).

c) A classificação e agregação: redefinição das categorias

Nesta etapa, havia a necessidade de redefinir as categorias, para posterior análise. Mais uma vez, realizou-se leitura das entrevistas e da contagem das respostas, observando as categorias definidas “a priori” (tema das perguntas). A partir de então, passou-se a classificá-las e a agregá-las de acordo com suas particularidades, surgindo as categorias e subcategorias que orientaram a discussão dos dados. Foi realizada uma representação gráfica das categorias e subcategorias, conforme descrita a seguir:

CONHECENDO A TRAJETÓRIA PERCORRIDA PELOS ADOLESCENTES A PARTIR DA GRAVIDEZ



Cada quadro, acima, simboliza uma trajetória percorrida pelos adolescentes, representada pelas categorias e subcategorias, sendo que as setas identificam que as mesmas estão interligadas uma às outras. No final, surge uma linha pontilhada, significando que ainda há muitas trajetórias a conhecer e pesquisar no processo de viver dos adolescentes a partir da gravidez.

5 QUINTO COMPASSO: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste compasso, apresentaremos primeiramente os dados encontrados em relação às características dos adolescentes entrevistados (perfil), para posteriormente realizar a discussão.

5.1 APRESENTANDO OS ADOLESCENTES

Neste item, serão abordadas algumas características dos adolescentes entrevistados², como: idade; escolaridade; profissão; idade do filho; planejamento da gravidez; relacionamento do casal adolescente; atitudes diante da confirmação da gravidez e vivência da maternidade e paternidade.

Foram entrevistados dezoito adolescentes sendo, nove do sexo feminino e nove do sexo masculino, que no momento da entrevista tinham idade entre quatorze e dezenove anos.

Quanto a idade em que as adolescentes tiveram seus filhos (maternidade), pode-se dizer que uma foi mãe aos quatorze anos, três aos quinze anos, duas aos dezesseis anos e três aos dezessete anos. Quanto a idade da paternidade, cinco adolescentes foram pais aos dezesseis anos, três aos dezessete anos e um aos dezoito anos de idade.

No momento da entrevista, os filhos dos adolescentes tinham idade entre oito meses e quatro anos.

A escolaridade dos adolescentes foi observada, sendo que encontramos dois com primeiro grau incompleto, quatro com primeiro grau completo, cinco com segundo grau incompleto, quatro com segundo grau completo, um cursando nível superior e dois retornaram a estudar após o nascimento da criança.

As nove adolescentes/mães entrevistadas, abandonaram os estudos devido à gravidez e/ou amamentação do filho. Dos nove adolescentes/pais entrevistados, dois relataram que continuaram estudando após confirmação da gravidez. No entanto, oito adolescentes (dois do sexo masculino e seis do sexo feminino) demonstraram interesse em retornar a estudar, quando os filhos crescerem.

² Nota: Características mais específicas ver anexo 04.

Com relação à ocupação, seis adolescentes/pais estavam desenvolvendo os trabalhos de: mensageiro, balconista, ajudando nos negócios da família (loja de móveis), garçom e pedreiro. Dos nove adolescentes/pais, três relataram que estavam desempregados.

Quanto às adolescentes/mães, todas informaram que trabalhavam em casa, sendo que quatro destas desenvolviam atividades de secretária, digitadora, balconista e manicure.

Dos dezoito adolescentes entrevistados, sete planejaram a gravidez (três do sexo masculino e quatro do sexo feminino), observando que há casais adolescentes que juntos decidiram pela gestação, tendo como maior objetivo permanecerem unidos e ou ter a aprovação dos pais para o relacionamento, que até então, era proibido. Mas observa-se que nem sempre os adolescentes compartilham da mesma idéia, uma vez que aconteceram situações em que a adolescente planejou a gravidez, sem o conhecimento do namorado. No entanto, na maioria dos casos, a gravidez ocorreu de forma inesperada.

Evidenciamos atitudes antagônicas dos adolescentes em relação à aceitação da gravidez, onde sete aceitaram (três do sexo masculino e quatro do sexo feminino), sete rejeitaram (quatro do sexo masculino e três do sexo feminino) e quatro (dois casais adolescentes) afirmaram ter vivenciado sentimentos de rejeição e aceitação.

Depois da gravidez, oito adolescentes separaram-se e dez uniram-se (cinco casais), sendo um casamento no religioso e civil, três amasiaram-se e uma união através do namoro, mas morando em casas separadas.

A união dos casais adolescentes acarretou mudança de ambiente físico, onde um dos pares mudou-se para a casa da família do namorado(a) (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino), com exceção do casal que optou em continuar apenas namorando, enquanto que oito adolescentes se separaram após a gravidez.

A maioria dos adolescentes (dezesseis) relataram que suas famílias os apoiaram, dando conselhos, ajudando financeiramente e fornecendo local para moradia. No entanto, para dois adolescentes (um do sexo masculino e um do sexo feminino), a família não foi lugar de apoio, mas sim de rejeição, onde não aceitaram o fato, não auxiliando nos cuidados com a criança, não reconhecendo o neto como integrante da família até o momento do desenvolvimento deste estudo.

Das nove adolescentes entrevistadas, sete citaram que foi importante o apoio do namorado, ou seja, do pai da criança, pois sentiram-se amadas, amparadas e seguras com a presença dos mesmos, bem como felizes, pelo fato destes terem “assumido” a criança,

independente do relacionamento do casal ter tido continuidade ou não.

O apoio dos amigos foi evidenciado nas falas de quatorze adolescentes (sete do sexo masculino e sete do sexo feminino), sendo que quatro adolescentes/mães enfatizaram a solidariedade dos professores e da diretora da escola. O patrão também foi citado como amigo de três adolescentes/pais, onde auxiliaram dando aumento de carga horária, para suprir as necessidades financeiras por conta da gravidez e nascimento dos filhos.

Dos dezoito adolescentes entrevistados, três do sexo masculino relataram que se sentem arrependidos em terem sido pais tão cedo, que se pudessem retornar ao passado, deixariam para mais tarde, enquanto que quatro (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino), não se arrependem.

Mas encontramos onze adolescentes (quatro do sexo masculino e sete do sexo feminino), que se sentiram arrependidos durante a gestação, no entanto, com o nascimento do filho e com outros acontecimentos da vida, passaram a sentir-se felizes pelo fato de hoje serem pais.

O sentimento de felicidade diante da maternidade foi relatado por todas as adolescentes entrevistadas. Diante da paternidade, este mesmo sentimento foi relatado por apenas seis adolescentes.

Na vivência da paternidade, três adolescentes relataram que é um transtorno ser pai, afirmando que se sentem como se não fossem pais de seus filhos.

Após perfilar as características dos adolescentes entrevistados, segue-se abaixo a discussão dos achados descritos até aqui.

5.2 A TRAJETÓRIA DOS ADOLESCENTES A PARTIR DA GRAVIDEZ: O FOCO DA ATENÇÃO

O referencial teórico realizado e os dados coletados, apresentados anteriormente, constituíram-se em etapas preliminares para a realização dessa análise, que será apresentada de acordo com as quatro categorias já definidas: as atitudes dos adolescentes diante da gravidez, as transformações na vida dos adolescentes a partir da gravidez, as diversas faces do apoio destinado aos adolescentes, a vivência da maternidade e paternidade adolescente.

5.2.1 Primeira Categoria: As atitudes dos adolescentes diante da gravidez

*“Quem espera que a vida seja feita de ilusão,
 Pode até ficar maluco ou morrer na solidão.
 É preciso ter cuidado pra mais tarde não sofrer.
 É preciso saber viver.
 Toda pedra no caminho você pode retirar,
 Numa flor que tem espinhos, você pode se arrANHAR.
 Se o bem e o mal existem você pode escolher,
 É preciso saber viver...”* (Roberto Carlos e Erasmo Carlos –
 trecho da música “É preciso saber viver”)

As atitudes, de acordo com Rodrigues (1992), são formadas por três componentes: o cognitivo (pensamento), o afetivo (sentimento) e o comportamental (intenção – ação). Só se pode falar legitimamente em atitude, na presença de um objeto, bem como na presença destes três componentes. A atitude é uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto, sendo que nesta categoria, temos as atitudes dos adolescentes frente a gravidez.

Primeiramente discutiremos sobre o planejamento da gravidez, para posteriormente abordarmos acerca da confirmação da mesma. Portanto, segue-se abaixo as duas subcategorias: o planejamento da gravidez e a confirmação da gravidez.

5.2.1.1 O planejamento da gravidez

Nesta subcategoria, encontramos adolescentes que desejavam a gestação, bem como outros que não a esperavam, surgindo a mesma de forma inesperada em seu processo de viver. Dos dezoito adolescentes entrevistados, sete planejaram a gravidez (três do sexo masculino e quatro do sexo feminino) e onze não a planejaram (seis do sexo masculino e cinco do sexo feminino).

Percebemos que a gravidez na adolescência pode ser planejada ou acidental, determinando situações que podem fortalecer ou fragilizar os envolvidos, trazendo alegrias ou tristezas, pois são diversas situações que podem envolvê-la.

É na adolescência que afloram os sentimentos, onde surge o “ficar”, o namoro, onde muitos também iniciam sua vida sexual. Mas em contrapartida, conflitos podem se instalar, a

partir do momento em que o namoro adolescente não é aceito pela família, como foi o caso de Violino e Viola, Saxofone e Clarineta, que decidiram planejar a gravidez, na expectativa da aprovação do namoro pelos seus pais:

“Os pais da Viola não deixava a gente namorar e muito menos se casar [...] Nós pensava na possibilidade de ter um filho, para que assim a gente pudesse ficar junto. E assim realmente aconteceu: A ‘Viola’ ficou grávida e finalmente a gente pode ficar junto e ainda cuidar do nosso filhinho” (Violino).

“[...] não pensamos em impedir a gravidez por vontade própria... porque a gente tinha um desejo imenso de ficar junto e a possibilidade de uma gravidez, seria o que talvez fosse a única forma de eu ficar junto da ‘Clarineta’ ... os meus pais não aceitavam nosso namoro” (Saxofone).

No relato de Violino, podemos evidenciar que o casal adolescente atingiu o objetivo a partir da gravidez. Tal afirmação vem ao encontro do que aborda Groetze e Lisboa (2001), sobre a questão de que adolescentes podem vir a engravidar porque imaginam que isto irá fortalecer a união, que poderão se casar e iniciar uma nova vida. Mas o desejo de engravidar pode ser ainda, pelo fato da adolescente supor que o filho consolide o relacionamento, ou até mesmo um comprometimento afetivo maior do namorado, como percebemos na fala de Tuba descrita abaixo:

“Eu comecei a perceber que o ‘Trombone’ estava meio esquisito comigo, eu comecei a ficar com medo de ele me deixar[...] e daí eu tomei uma decisão[...] resolvi parar de tomar o comprimido, pra poder engravidar e assim, ele ficaria pra sempre comigo (Tuba).

Para Tuba, a gravidez seria uma forma de manter a atenção e o afeto do namorado. No entanto, segundo Reis e Ribeiro (2001), um filho não tem o poder de manter o namorado, nem de produzir casamentos felizes e duradouros. Se o relacionamento do casal estiver ruim, dificilmente um bebê facilitará as coisas, pelo contrário. Para Cavašin e Arruda (2001), o conto de fadas pode ficar bem distante, pois a adolescente geralmente é acusada de ter planejado a gravidez para arrumar um marido, sendo por vezes, culpabilizada por sua irresponsabilidade e por ter destruído seu projeto de vida e o de seu namorado.

Quando nos deparamos com a situação de que as adolescentes podem planejar a gravidez sem a participação do namorado, faz-nos refletir o quanto é necessário a informação aos jovens, para que os mesmos saibam da importância e do privilégio em planejar em conjunto uma gravidez, estando conscientes das conseqüências de tal ato.

Muitos homens se esquecem que a contracepção e as doenças sexualmente

transmissíveis, não são questões que pertencem exclusivamente ao universo feminino. E muitas mulheres, por vezes, tomam a responsabilidade da prevenção para si, excluindo o lugar do homem nesse processo. Em um relacionamento, as decisões e a responsabilidade sobre a saúde sexual e reprodutiva são de ambos. No entanto, alguns adolescentes conhecem os métodos anticoncepcionais, mas por opção não os utilizam, acreditando que a gravidez está distante de suas vidas, considerando-se protegidos. Autores como Takiuti (1990); Groetze e Lisboa (2002); e Reis e Ribeiro, (2001) confirmam que os adolescentes acreditam que com eles não aconteceria uma gravidez, como se possuíssem uma poção mágica. Tais afirmações vão ao encontro dos relatos de Flauta e Bateria :

“Eu sabia que era necessário se prevenir, mas parecia que a gravidez não ia acontecer comigo...” (Flauta).

“É claro que eu sabia que poderia acontecer uma gravidez através de uma transada entre um homem e uma mulher, mas eu não consegui me colocar nessa situação..., porque eu achava que não ocorreria uma gravidez comigo” (Bateria).

Mesmo tendo acesso à informação, os adolescentes têm atitudes que os colocam em contradição com o conhecimento relativo a anticoncepção. Há ainda os que são influenciados por tabus e credices, utilizando erroneamente ou não fazendo uso dos métodos anticoncepcionais, o que é demonstrado nas falas a seguir:

“a gente usava também camisinha [...], mas com a camisinha não dava certo, porque na hora do ‘bem bom’, quando a gente ia ver, a camisinha já estava fora.” (Harpa)

“Eu transava, mas era como se não fosse eu... sei lá é estranho, porque eu sabia das maneiras de prevenir a gravidez, porque na escola eu tinha aprendido, mas não me importei com isso... eu sei que eu só fui me lembrar, depois que eu descobri a gravidez” (Bateria).

Reconhecemos que a utilização de métodos contraceptivos realmente não ocorre de modo eficaz na adolescência. Bateria relata que havia aprendido sobre a “prevenção da gravidez” na escola, mas seu conhecimento não se transformou em ação. E este é talvez um dos maiores cuidados que profissionais da saúde, professores e familiares devem ter, ou seja, não apenas informar, mas conscientizar e contextualizar as questões do uso de métodos contraceptivos, para que os adolescentes possam saber da importância de seu uso, podendo ainda ser um multiplicador de informações entre os amigos.

Na gravidez adolescente, a família tem um importante papel, pois as informações que os jovens possuem acerca dos métodos anticoncepcionais, não devem proceder apenas da

escola. Cabe principalmente à família esta tarefa. No entanto, normalmente os pais não possuem diálogo com seus filhos, principalmente sobre sexualidade, contribuindo de maneira indireta para que ocorra a gravidez adolescente.

Na fala de Harpa, percebemos seu desejo de evitar a gravidez, mas a família dificultou sua ação:

“[...] depois de uns 15 dias que eu tinha começado a transar, decidi que eu tinha que usar algum método porque eu sabia que podia acontecer uma gravidez. Daí, eu comecei a usar comprimido, mas a minha mãe, logo no primeiro mês, acabou descobrindo, porque a minha menstruação antes era toda desregulada e naquele mês veio certinho [...] daí, ela jogou fora e mandou eu parar de tomar. No segundo mês, eu comprei de novo comprimido, mas a minha mãe descobriu de novo e mandou eu parar. E no terceiro mês, eu acabei engravidando” (Harpa).

Descobrir pílula em poder das adolescentes, para algumas famílias, é saber sobre uma prática não aceita, não raro, tornar visível uma realidade que os pais não querem enfrentar. Há adolescentes, segundo Ferreira (2000) e Vitale e Amâncio (2002), que não assumem perante a família a sua sexualidade e a posse do contraceptivo, porque seria a prova formal de vida sexual ativa. A família ao perceber que a adolescente faz uso de anticoncepcional, deve aproveitar este momento para dialogar sobre o assunto e não condená-la como a mãe de Harpa.

O planejamento da gravidez é importante. A falta de planejamento deve-se à desinformação sobre o exercício responsável da sexualidade dos adolescentes. Para se ter filhos, deve haver uma decisão em conjunto pelos parceiros. Portanto, para que os adolescentes possam desfrutar de sua sexualidade, sem medo e de forma segura, a família, a escola, os profissionais da saúde, enfim, toda a sociedade precisa compartilhar com os mesmos informações e orientações, uma vez que, a reflexão e o diálogo acerca da sexualidade são mais do que uma questão dos outros... é uma ação de cada um de nós.

5.2.1.2 A confirmação da gravidez

Nesta subcategoria, evidenciamos que a maternidade e a paternidade nem sempre são realizações de um sonho, como se espera que aconteça, pois sete adolescentes (quatro do sexo masculino e três do sexo feminino) rejeitaram a gravidez. Medo, insegurança, desespero, desorientação, solidão, rejeição são reações muito comuns, principalmente no momento da descoberta da gravidez (Pólis, 1997) e através dos relatos abaixo, podemos observar algumas

destas reações:

“Foi horrível saber que eu seria mãe, que eu tinha sido totalmente irresponsável [...] eu chorei muito” (Trompa).

“Na hora parecia que aquilo não era comigo, que não era verdade...” (Trompete).

“Quando a gente teve a certeza, fiquei algumas noites sem dormir, só pensando. [...] parecia que era mentira... que confusão!” (Triângulo)

“Eu me senti encurralado e de certa forma, também desesperado e com medo, porque não sabia mesmo o que fazer com tudo o que estava acontecendo” (Piano).

As atitudes dos adolescentes, ao receberem a confirmação da gravidez, podem ser exacerbadas pela situação inesperada e insegurança dos jovens, uma vez que são também dependentes financeiramente de seus pais, situações estas que podem aumentar a angústia. A partir da gravidez, surge a necessidade dos adolescentes refletirem sobre a aceitação ou não dessa nova realidade: o ser pai e o ser mãe.

Nesta subcategoria, também encontramos sete adolescentes que aceitaram a gravidez (três do sexo masculino e quatro do sexo feminino). Acreditamos que a aceitação da gravidez ocorre quando esta gestação vem atender ao desejo dos adolescentes. Arruda (1998), salienta que muitas meninas engravidam porque desejam. Zagonel (1998), afirma que a aceitação libera grande entusiasmo, pois vem realizar a concretização de um papel biológico essencial e a afirmação da própria sexualidade. Tais afirmações vão ao encontro das falas de Viola, Clarineta e Saxofone, descritas a seguir:

“Eu me senti super feliz. Era um sonho que estava tornando realidade.” (Viola)

“Foi maravilhoso! Eu olhava a minha barriga constantemente, tinha um grande orgulho ...”(Clarineta)

“Foi muito legal!” (Saxofone)

De acordo com Miranda (2001), a não utilização dos métodos anticoncepcionais se deve a diversos fatores, inclusive ao desejo de ser mãe, pois num estudo desenvolvido no Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM), da Unicamp, evidenciou-se que praticamente todas as meninas na faixa etária de onze à dezenove anos de idade conheciam as formas de prevenção, tais como camisinha e pílula. A atitude, de não fazer uso desses métodos, nem sempre é irresponsável: uma parcela significativa, 24,5%, justificou a gravidez na adolescência pelo fato de ansiar por ter um filho, como também aconteceu com algumas

das adolescentes desta pesquisa.

A partir dos relatos dos adolescentes, observamos que a aceitação da gravidez ocorre quando os mesmos a planejam. Quando esta acontece de forma inesperada, a primeira atitude, geralmente, é negar e/ou rejeitar. A rejeição surgiu, mas não foi permanente, pois encontramos quatro adolescentes (dois do sexo feminino e dois do sexo masculino) que relataram ter vivenciado sentimentos de rejeição e aceitação, o que significa que ficaram confusos com a possibilidade de tornarem-se pais, como descrevemos nas falas abaixo:

“Foi maravilhoso [...] mas no início me entristeci e fiquei um pouco confusa...” (Clarinetista).

“Foi muito legal... mas deu um certo frio na barriga, porque era muita ‘resposta’ pra mim[...].” (Saxofone).

Nos relatos de Clarinetista e Saxofone, pode-se perceber que as atitudes dos adolescentes, com a confirmação da gravidez podem ser antagônicas, ou seja, aceitar (felicidade) e rejeitar (medo, tristeza) o fato.

Após discutir as atitudes dos adolescentes frente ao planejamento e confirmação da gravidez, percebemos a necessidade e o cuidado em caracterizar toda a gravidez adolescente como “não planejada” e “não aceita”, uma vez que constatamos adolescentes que planejam e/ou aceitam. Sendo assim, os profissionais de saúde, a família e a escola devem ter a sensibilidade de lidar com as atitudes antagônicas dos adolescentes de acordo com a realidade de cada um, para que possam vivenciar esse processo com apoio e condições para educarem seus filhos.

5.2.2 Segunda Categoria: As transformações na vida dos adolescentes a partir da gravidez

*“Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia,
Tudo passa, tudo sempre passará!
A vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito.
Tudo o que se vê não é igual ao que a gente viu a um segundo,
Tudo muda o tempo todo no mundo.
Não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo, agora,
Há tanta vida lá fora e aqui dentro
Sempre como uma onda no mar.” (Lulu Santos – música “Como uma onda no mar”)*

A transformação no adolescer é algo natural do ser humano. Mas nesta categoria, podemos perceber que quando ocorre uma gravidez nesta faixa etária, ocorre uma

transformação não apenas no físico, mas em todo o processo de viver dos adolescentes, como observa-se nos relatos abaixo:

“Eu acho que uma gravidez muda totalmente à gente, principalmente quando a gente é adolescente... meu Deus, toda a minha vida teve que ser mudada e adaptada de acordo com a gravidez” (Trompa).

“A minha vida se transformou por completo...” (Flauta)

“A minha vida deu uma reviravolta total, tudo mudou...” (Saxofone)

Observando os depoimentos acima, não há dúvidas de que ocorrem transformações na vida dos adolescentes a partir da gravidez. Assim, abordaremos as transformações relatadas pelos adolescentes, tendo como subcategorias: o relacionamento entre os adolescentes, a interrupção dos estudos, adquirindo responsabilidades.

5.2.2.1 O relacionamento entre os adolescentes

Nesta subcategoria, podemos observar que a gravidez fortaleceu o relacionamento de alguns adolescentes, enquanto que outros se desfizeram por diversas razões. De acordo com os dados evidenciados nas entrevistas, um casal uniu-se através do casamento no religioso e civil, um casal manteve-se unido, namorando, morando em casas separadas, três casais amasiaram-se e oito adolescentes interromperam o relacionamento que originou a gravidez.

As falas abaixo, relatam que a gravidez, para alguns adolescentes, promoveu a união do casal:

“[...] com a gravidez, meus pais aceitaram que a gente ficasse junto e até deixaram a gente morar com eles.... depois da gravidez, ele (Violino) ficou mais atencioso comigo e nosso amor cresceu” (Viola).

“depois que nós ficamos sabendo da gravidez, a gente morou junto por algumas semanas e depois nos casamos no religioso e no cartório e fizemos uma festa, que foi bem legal” (Flautim).

Podemos afirmar que para adolescentes, como Viola e Flautim, o casamento trouxe satisfação. Percebemos que quando o casal adolescente decide morar juntos, a ausência da cerimônia religiosa e casamento civil, gera nos mesmos um certo incômodo. E ainda, sentem o desejo de realizarem, não apenas para oficializar a união, mas também pensando no filho, uma vez que não estando casados oficialmente, são impedidos de batizar a criança, como evidenciamos no relato abaixo:

“[...] ela é minha mulher, mas na realidade é só minha namorada. Quando alguém pergunta o meu estado civil, eu nem sei o que dizer às vezes, porque eu digo que ela é minha esposa, mas na realidade, no papel, eu e ela somos solteiros [...] acho que esse ano eu vou fazer uma surpresa pra ela (Harpa), porque ela quer casar direitinho, pra poder batizar nosso filho” (Triângulo).

Melo (2001), levanta um problema quanto ao casamento na adolescência, onde por vezes, os casais de namorados desejam casar-se e são impossibilitados não pela falta de moradia, emprego ou dinheiro, mas a idade, pois se ambos possuem idade menor de dezoito anos, são considerados pelo Código Civil Brasileiro "ilegalmente incapazes de casar". No entanto, poderia ser facilmente superado com uma autorização dos responsáveis. O problema é que os pais podem discordar da união, alegando que os filhos são muito jovens e ainda não estão prontos para o casamento. Costa (1986) ainda relata que o procedimento para o casamento entre adolescentes prevista na lei é tão complicado, que alguns optam pela falsidade na declaração de idade, ou até desistem de tal procedimento, indo ao encontro do depoimento de Viola:

“Nós só não casamos no papel, porque a lei só deixa a partir dos dezoito anos de idade. É bastante complicado querer se casar na adolescência. Mas quando eu tiver os 18 nós iremos nos casar de certeza” (Viola).

De acordo com Neto (2002), o interesse social é que não se casem pessoas de pouca idade, casamento que, em regra, caminha a passos largos para uma separação. Acreditamos que quando os adolescentes estão “vivendo juntos”, não quer dizer que não formam uma família, pois mesmo não sendo casados no civil, como é o caso de Viola e Violino, estão constituindo novas famílias. Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu art. 226, a família não se constituiu somente pelo casamento, mas também, pela união estável entre homem e mulher.

E quando o casal adolescente decide formar uma família, independente de ser através do casamento ou não, pode acontecer transformações em suas vidas, tais como a mudança de espaço físico, onde deixam seus quartos, suas casas e vão morar em outro local. Os adolescentes normalmente são dependentes financeiramente e em consequência disto, vão morar com os pais, como nos casos seguintes relatados:

“Eu fui morar na casa do ‘Triângulo’ com ele e a mãe dele” (Harpa).

“... me juntei com a ‘Clarinetista’ e fui morar com os pais dela” (Saxofone).

Quando os adolescentes optam em unir-se, a escolha de morar com uma ou outra

família nem sempre é determinada pelas condições econômicas dos pais, sendo que esta escolha geralmente é realizada de acordo com a família que apóia os adolescentes durante o processo da gravidez. Mesmo sendo recebidos por seus pais, percebe-se que não desejam continuar dependendo e morando com a família de origem, mas sim com a nova família que se constituiu através da gravidez, é o que expressa o relato de Triângulo:

“Eu queria já ter a nossa casa, pra gente poder morar sozinho, só nossa família e não ter que ficar dependendo da casa da mãe [...] é chato você ser casado e ter que ficar morando com a mãe assim” (Triângulo).

Tal questão é dificultada, pelo fato de os adolescentes serem dependentes financeiramente. E essa dependência, somada a gravidez, pode trazer maiores dificuldades para os jovens, como para suas famílias, estando de acordo com o que afirma Paula (1992), ao escrever que a gravidez na adolescência traz muitas conseqüências, sendo que algumas delas é a dependência econômica, o que leva a um maior empobrecimento das famílias.

A gravidez na adolescência nem sempre promove a união do casal. De acordo com Zagonel (1998) e Paula (1992), o relacionamento íntimo, do qual resultou a gravidez adolescente, pode ser vulnerável, tendendo à dissolução. Zagury (1997), vai além, ao afirmar que a maioria dos casamentos adolescentes, tendem a terminar rapidamente em separação, pois na realidade nenhum dos dois parceiros estavam pensando em casar, nem em ter filhos. Então, a decisão surge de um fato exterior, e não de uma vontade interna, verdadeira. É uma composição que se faz, mas que na verdade não é autêntica. Através dos relatos abaixo de Rabeca e Piano, percebemos que o relacionamento dos adolescentes se desfez após a gravidez:

“Do lado dele (pai da filha), eu só chorava, chorava e depois de alguns meses de gravidez, eu percebi que não tinha o porque de eu continuar namorando com ele. Daí, eu terminei o namoro”(Rabeca).

“... depois de uns 3 meses juntos, [...] ela só chorava, era ciumenta... até que não suportei mais [...] sai da casa dela, e meus pais me receberam de volta”(Piano).

Como evidenciamos, alguns adolescentes decidem assumir o filho com o apoio de seus pais. A família já não se esforça para que haja o casamento, uma vez que reconhecem a fragilidade da união. Santiago (1999) salienta que hoje em dia, os avós paternos e maternos geralmente se dão bem: a avó materna e a mãe adolescente permitem que a criança vá visitar e passar uns dias com os avós paternos e com o pai, algo que não acontecia em outros tempos,

afirmando que os adolescentes geralmente têm mantido o relacionamento após o nascimento do filho e até pensam em se casar mais tarde, como no caso de Bateria:

“Eu ainda namoro com o ‘Fagote’... a gente até pensou na possibilidade de casar, mas meus pais achavam que eu era muito nova e que eu deveria pensar melhor pra tomar uma decisão tão importante. Eles disseram que poderia ser um erro o casamento... daí eu estou até hoje namorando com ‘Fagote’, morando com meus pais e com minha filhinha” (Bateria).

Através do depoimento de Bateria, percebemos o quanto é importante a orientação e apoio aos jovens, pois a decisão de uma união entre o casal adolescente deve ocorrer conscientemente e estes devem ser informados sobre os prós e contras de um casamento, não devendo tomar decisões precipitadas de forma obrigatória. Como afirma Takiuti (1990), o casamento obrigatório é o caminho mais rápido para ocultar o pesadelo que ameaça os códigos de honra, o que poderá se constituir num descaminho, gerando novos conflitos e separação.

Quando surge a gravidez, os adolescentes continuam seguindo suas vidas, mas caminham por trajetórias que vão de acordo com a realidade de cada um. Como vimos, alguns casam ou amasiam, constituindo nova família a partir da gravidez, tem os que continuam apenas namorando, enquanto outros optam por terminar o relacionamento, ficando o vínculo por conta do filho. Através disto, podemos dizer que não há uma regra a se seguir quanto ao relacionamento entre os adolescentes diante da gravidez, uma vez que dependerá da realidade dos envolvidos.

5.2.2.2 A interrupção dos estudos

Na sociedade atual, prediz-se que os adolescentes precisam atingir a maioridade, terminar os estudos, começar a trabalhar, ter salário, para só então estabelecer um relacionamento duradouro. Mas nesta subcategoria, percebemos que a gravidez e a maternidade/paternidade na adolescência rompem essa trajetória tida como natural, onde muitos se vêem numa situação em que é necessário abandonar os estudos, para assumir seu novo papel na sociedade, vejamos:

“... eu descobri a gravidez nas férias de verão e nem voltei mais pra fazer o terceiro. E isso era totalmente fora dos meus planos, porque eu queria estudar e logo fazer meu vestibular pra Pedagogia... Mas tudo foi por água abaixo” (Trompa).

“... tive que parar de estudar” (Rabeca)

“... com o nascimento da minha filha, eu acabei parando de estudar” (Bateria).

A interrupção dos estudos devido à gravidez adolescente é algo que já tem sido levantado em outras pesquisas. Braga (2003) cita que num estudo realizado entre 1999 e 2000 no município do Rio de Janeiro com 1.228 (mil duzentas e vinte e oito) adolescentes de dez à dezenove anos no pós-parto imediato, revelou que um dos maiores riscos que as meninas enfrentam é a interrupção dos estudos. O Ministério da Saúde (2001), afirma que a jovem que engravida tem grande possibilidade de abandonar a escola, sendo difícil a sua reinserção posterior no sistema educacional. Existem vários motivos que são atribuídos para que as adolescentes desistam de estudar diante do nascimento do filho e os relatos a seguir, confirmam os escritos:

“Não continuei estudando porque já havia acabado o 2º grau e pra fazer faculdade, não tinha dinheiro e também achava que não era o momento ainda de deixar minha filha com meus pais” (Clarineta).

“Depois que meu filho nasceu, eu continuei indo na escola, mas era difícil porque toda hora o leite escorria, eu me lembrava do meu filho e não consegui continuar estudando” (Harpa).

“... eu tive que parar de estudar, porque minha filha nasceu e tive que cuidar dela” (Rabeca).

Os motivos do abandono dos estudos são muitos, mas os mais evidenciados estão relacionados às condições socioeconômicas, necessidade de cuidar da criança, salientando ainda a dificuldade da adolescente estudar e manter o aleitamento materno. Em vários casos, a jovem desiste dos estudos e se afasta da escola, não só durante os nove meses de gravidez, mas também enquanto está amamentando e no decorrer do crescimento do bebê. Atitudes como estas, segundo Bernardi (2002) e Souza (1999), acarretam prejuízo na qualidade de vida e nas oportunidades futuras das adolescentes.

O capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8069 de 13 de julho de 1990, no artigo 53, afirma que o adolescente tem direito à educação. Além disto, no artigo 54, afirma que é dever do Estado assegurar à criança de zero a seis anos, atendimento em creche e pré-escolar. Neste prisma, o abandono dos estudos, por vezes, é dificultado pelo não cumprimento das leis, pois muitos adolescentes abandonam os estudos, por não ter com quem deixar seus filhos, como é o caso de Tuba:

“Minha mãe e minha irmã trabalham e não tenho com quem deixar minha filha... por isso, não consegui mais voltar a estudar desde que minha filha nasceu” (Tuba).

É tempo de fazer cumprir a lei e lutar para que se possa garantir os cuidados da criança, a fim de que as adolescentes possam continuar estudando independente de serem mães. É interessante salientar que sete dos adolescentes/pais entrevistados, afirmaram que antes mesmo de ocorrer a gravidez, já haviam abandonado a escola.

Os relatos revelam que a adolescente de maneira geral permanece por mais tempo na escola em relação ao rapaz, indo ao encontro do que afirma o Conselho Nacional de Secretários de Educação - CONSED (2003): as meninas permanecem mais tempo na escola e são mais bem-sucedidas que os meninos, entre os quais prevalecem taxas mais elevadas de repetência e abandono.

Mas no caso da gravidez adolescente, a mulher tende a abandonar os estudos, devido os cuidados com o filho. Quando o adolescente é estudante no momento em que ocorre a gravidez, geralmente o mesmo segue freqüentando a escola, como se evidencia nas falas abaixo:

“Eu faço faculdade de computação” (Flautim).

“... ele (pai da filha) continuou estudando, mas eu tive que parar...” (Rabeca).

Diante do abandono escolar, encontramos adolescentes que mesmo com dificuldades enfrentadas na trajetória da gravidez, maternidade/paternidade adolescente, almejam retornar aos estudos, fazendo planos para o futuro. Além disto, a gravidez na adolescência pode ser fator de incentivo para voltar a estudar, para aqueles que antes mesmo de ocorrer a gestação, abandonaram a escola:

“... quando ele (Flautim) acabar a dele (faculdade), daí eu vou poder fazer a minha, porque minha filha vai estar maiorzinha e minha mãe ou minha sogra poderá cuidar dela” (Flauta).

“... pretendo retornar ano que vem na escola, e daí vou fazer a 8º série” (Viola).

“Até estudar, que não é o meu forte, eu acho que vou voltar no próximo ano... agora eu sou pai e tenho que estudar pra ensinar depois o meu filho a estudar também. Estou animado pra voltar a estudar... é que antes eu não ligava pro estudo. Acho que agora é importante” (Violino).

O abandono dos estudos devido à gravidez na adolescência, já foi evidenciado por diversos autores e esta pesquisa vem confirmar que este é um fato com conseqüências no processo de viver dos adolescentes, salientando ainda que acontece o abandono da escola, independente da gravidez ocorrer. Mas surge algo inovador... os adolescentes mesmo com as dificuldades, têm almejado retornar aos estudos, sendo que um dos motivos deste desejo é justamente o fato de hoje serem pais e mães, necessitando de maior conhecimento para promover melhores condições de vida a seus filhos.

5.2.2.3 Adquirindo responsabilidades

Os adolescentes geralmente são despreocupados com a vida, sonham alto e nesta subcategoria, podemos observar que quando ocorre a gravidez, esta pode vir a interromper o processo de desenvolvimento próprio da idade dos jovens, fazendo-os geralmente assumir responsabilidades de adultos, como se comprova nas falas abaixo:

“Acho que a partir da gravidez também comecei a ser mais responsável...”(Trompa)

“Tenho uma vida mais responsável...”(Viola)

“Hoje... sou mais responsável” (Trompete)

“...fiquei tão responsável, que todos meus conhecidos chegavam a comentar comigo da minha mudança” (Saxofone).

“Acho que hoje sou mais homem, mais responsável” (Violino).

Os relatos em que os adolescentes descrevem se sentirem responsáveis e com isso, mais adultos a partir da gravidez, vai ao encontro do que afirma Zagonel (1998), que a responsabilidade pelos seus atos, imposta pela gravidez, faz com que o adolescente deixe de se sentir um adolescente.

Mas será que se tornar mãe ou pai na adolescência, realmente significa ser uma mulher, ou um homem adulto? Harrison (1996), nos chama a atenção para o fato de que engravidar neste período não significa ser uma mulher. Significa ser mãe adolescente. Da mesma forma, o fato de tornar-se pai, não significa que já é um homem adulto, mas sim, um pai adolescente. Portanto, mesmo sentindo-se mais responsáveis e adultos a partir da gravidez, não significa que realmente o são. Concordamos com Takiuti (1994), quando afirma que a gravidez na adolescência não é um rito de passagem para a vida adulta.

No momento em que a adolescente assume a maternidade, passa também a assumir papéis, que até então pertenciam à sua mãe, como a tarefa de ser “dona de casa”. Este fato é evidenciado nas falas descritas abaixo:

“Virei a empregada da casa... lavo, passo, cozinho. É lógico que eu já sabia fazer tudo isso, mas antes eu fazia as coisas ajudando a minha mãe e depois da gravidez, eu passei a ser a responsável pela casa” (Trompa).

“... a minha vida começou a mudar, porque eu ficava o dia inteiro trocando fralda, dando de mamã, lavando roupa... meu, quando a gente é mãe, a gente tem que lavar roupa dia e noite...” (Rabeca).

Enquanto as adolescentes, geralmente assumem funções de “donas de casa”, os adolescentes saem em busca de emprego e os que estão empregados, procuram aumentar a carga horária, com a finalidade de aumentar a renda familiar. Preocupações estas evidenciadas nos relatos de Trombone, Trompete e Triângulo:

“... comecei a procurar emprego, a responsabilidade bateu na porta e tive que ir a luta...” (Trompete).

“Com a gravidez, comecei a trabalhar mais no Hotel” (Trombone).

“... comecei a pegar também de noite no serviço, pra poder ajudar mais nas despesas da casa” (Triângulo).

Diante das dificuldades financeiras, não apenas o pai, mas a mãe, por vezes, se vê na necessidade de trabalhar para auxiliar nas despesas domésticas. Takiuti (1990) relata que as adolescentes mães, casadas ou solteiras, infelizmente têm dificuldades para se profissionalizar, entrando ou se reintegrando no mercado de trabalho despreparadas para a atividade que irão desenvolver. Situação esta evidenciada por Harpa e Rabeca, que trabalham em profissões com baixa remuneração:

“... eu continuei trabalhando até meus 8 meses e pouco de gestação, porque assim, entrava mais um dinheiro pro enxoval do meu filho e também pra gente pagar as despesas. Na minha primeira semana após o parto, já comecei a fazer as unhas de minhas clientes” (Harpa).

“...eu fui procurar emprego pra ajudar nas despesas com o meu filho, porque tudo estava por conta da minha mãe... até que achei esse que estou até hoje, que é secretária de dentista” (Rabeca).

Geralmente quando os adolescentes trabalham, investem a grande parte do salário mensal para si, mas quando surge a gravidez, o destino do dinheiro é modificado, passa a ser empregado nas contas de água e luz, fraldas, roupinhas para o bebê, contas na farmácia, entre

tantas outras despesas:

Eu não tinha noção de quanto se gastava numa casa. Hoje é bem diferente a situação...” (Harpa).

“Eu ganhava pouquinho... com o meu dinheiro, eu comprava as roupinhas do bebê e ajudava com o resto do dinheiro na comida e no que precisasse para ajudar meus sogros. Nunca pensei que uma criança e que uma casa pudesse gastar tanto” (Piano).

Os relatos de Piano e Harpa confirmam o que descreve Takiuti (1990), que talvez muitos adolescentes têm assumido responsabilidades para as quais ainda não estavam preparados, constituindo família bem antes mesmo de adquirir seus direitos de cidadãos.

Quando analisamos os relatos dos adolescentes, percebemos que ocorre uma real transformação em suas vidas, abrangendo desde o namoro, o abandono dos estudos, seguido por vezes do desejo de retornar e do acúmulo de responsabilidades. Esta transformação é tão evidente que os adolescentes se referem às suas vidas “antes” e “depois” da gravidez, passando esta gestação a ser um marco em seu processo de viver.

5.2.3 Terceira Categoria: As diversas faces do apoio destinado aos adolescentes

*“Não sei andar sozinho por essas ruas
... pelos caminhos não há sinal de sol,
mas tudo me acalma no seu olhar.
Quero um abrigo do seu abraço...
não há sinal de cais,
mas tudo me acalma no seu olhar.
... você também se dá um beijo, dá abrigo.” (Tavinho Moura e Márcio
Borges – trecho da música “Cruzada”)*

Esta categoria trata do apoio que os adolescentes receberam desde a confirmação da gravidez. Observamos que quando os adolescentes enfrentam a gravidez, apresentam inúmeras dificuldades, que podem ser minimizadas e ou potencializadas, dependendo do apoio recebido. Concordamos com Cavasin e Arruda (2003) e Altschüller (2002), quando afirmam que os adolescentes precisam receber apoio, informação e aconselhamento para poderem arcar com o desafio de gerar uma nova vida. Os relatos descritos abaixo evidenciam esta afirmação:

“... todo mundo me ajudou. Eu pensei que ninguém ia me ajudar, achei que ficaria sozinha, mas todo mundo ajudou e me sinto feliz por isso” (Harpa).
“ Olha, graças a Deus, eu acho que todo mundo que eu conheço me ajudou” (Flauta).

“Foi muito importante o apoio que eu recebi. É muito legal quando a gente vê as pessoas que a gente ama nos dando o apoio que a gente tanto precisa, principalmente no caso da gravidez na adolescência, porque sei que talvez eu não fosse capaz de vencer tudo sozinha” (Trompa).

A partir de então, percebemos que o apoio destinado aos adolescentes é de suma importância e nesta categoria, conheceremos quais são as pessoas que os têm apoiado durante a trajetória da gravidez/maternidade e paternidade. Para melhor compreensão, dividiremos em três subcategorias: o apoio da família, o apoio do namorado e o apoio dos amigos.

As subcategorias serão apresentadas de acordo com a ordem de importância evidenciada nos dados: dezesseis adolescentes receberam apoio de suas famílias, sendo que apenas dois (um do sexo masculino e um do sexo feminino), não receberam esta fonte de apoio; das nove adolescentes entrevistadas, sete citaram que foi importante o apoio do namorado, independente do relacionamento ter tido continuidade; o apoio dos amigos foi abordado por quatorze adolescentes (sete do sexo masculino e sete do sexo feminino), sendo que na relação dos amigos estava presente o padrão, que foi citado por três adolescentes pais, bem como os professores e diretora da escola, que foi relatado por quatro adolescentes mães.

5.2.3.1 O apoio da família

Nesta subcategoria, encontramos adolescentes que falaram com muito entusiasmo acerca do apoio da família durante toda a trajetória percorrida desde a gravidez, mostrando a importância da mesma nesse processo.

A reação familiar da gravidez na adolescência varia de acordo com seus valores sociais, mas em geral, conforme afirma Rodrigues (1993), a reação dos pais é negativa no início. A aceitação, quando existe, é lenta e gradual. Esta aceitação passa por um processo de elaboração, pois é complicado para a família admitir que de pais, passarão a ser avós.

De acordo com Cavasin e Arruda (2001), quando uma menina engravida, depois do choque inicial, sua família geralmente acaba por acolher a filha e, futuramente, o bebê, como assim evidenciamos nos relatos abaixo:

“... meu pai ficou furioso, queria até me expulsar de casa [...] Foi uma luta, até que depois de mais ou menos uma semana, eles começaram a me apoiar e até hoje, são os que mais têm me dado força pra continuar minha vida” (Viola).

“... eu sabia que meu pai e minha mãe iam me matar [...] Eles no começo ficaram meio com raiva, mas depois foram se acostumando com a idéia e hoje morrem de amor pelo meu filho” (Harpa).

“Os meus pais foram fundamentais em tudo isso. Eles realmente me orientaram, me ajudaram a superar tudo e ver as coisas positivas” (Flautim).

A presença dos pais é fundamental aos adolescentes, sendo que a própria gravidez pode facilitar a aproximação aos pais, quando se alia ao amparo familiar a afeição, segurança, ajuda e aceitação da gestação.

É preciso que se converse com os filhos a respeito das possibilidades de uma gravidez, inclusive de como eles, pais, se vêem quando a mesma ocorre de forma inesperada. Concordamos com Zagury (1997), quando relata que muitos pais evitam conversar com os filhos em geral e com as moças em particular, porque temem que eles vejam nessa abertura uma licença, um consentimento para que iniciem sua vida sexual. Por isso, fazem-se por vezes, de surdos e mudos em relação ao que ocorre à sua volta, acreditando que assim nada irá acontecer.

Quando os adolescentes relatam acerca do apoio da família, não se limitam apenas ao apoio do pai e da mãe, mas estendem a avós, irmãos, cunhadas, evidenciando que família para os mesmos, expande-se aos parentes de uma forma geral, conforme as falas a seguir:

“... a minha irmã casada me ajudou muito” (Tuba).

“A minha cunhada também me ajudou bastante” (Harpa).

“... meus irmãos me deram muito apoio e continuam dando. Nossa, eu devo muita coisa prá eles” (Viola).

“[...] a minha vó me ajudou muito... ela sempre esteve do meu lado” (Saxofone).

Dos dezoito adolescentes entrevistados, dois (um do sexo feminino e um do sexo masculino) não receberam o importante apoio da família. Costa (1986), concebe a hipótese de que os pais melhor situados em termos sócio-econômicos aceitam com mais tranquilidade a gravidez dos filhos, mas isto não é uma regra, pois neste estudo, os pais de Saxofone possuem boas condições financeiras e não apoiaram seu filho durante a gravidez. Os relatos abaixo evidenciam o quanto é importante o apoio da família na vida dos adolescentes e o quanto os mesmos se ressentem quando não recebem este apoio:

“eu não sei se existe um outro pai na face da terra, que teria a coragem de fazer o que fizeram comigo. Eles (pais) fizeram de tudo para separar a ‘Clarinetista’ de mim e não nos ajudaram em nada...” (Saxofone).

“Me senti abandonada no mundo quando meus pais não me aceitaram grávida. Foi um horror... sei que deve realmente ser difícil aceitar uma filha grávida, mas eu acreditava que com o tempo, eles iriam se acostumar e me perdoar, mas me entristeço porque até hoje estou esperando por eles. Eu sou tão feliz com o ‘Violão’ e com a família dele aqui, mas é claro que eu também queria ter o apoio dos meus pais, porque eles são importantes pra mim” (Sanfona).

Acreditamos que quando os(as) adolescentes optam por serem pais ou mães - contrariando as expectativas dos pais que imaginam para seus filhos a organização de suas vidas por etapas: escolarização, profissionalização, trabalho, casamento, filhos – os pais tem como tarefa apoiá-los afetivamente em suas decisões, orientando-os sobre seus deveres e responsabilidades, na manutenção e construção da nova família. Mas como vimos, não são todos os adolescentes que recebem o apoio familiar, cabendo aos mesmos enfrentar sozinhos tal situação.

5.2.3.2 O apoio do namorado

A partir da confirmação da gravidez, a adolescente enfrenta vários obstáculos: o de descobrir-se grávida, o revelar a notícia para a família, como discutido na subcategoria anterior e a dificuldade em revelar a gravidez ao namorado. E nesta subcategoria, abordaremos acerca do apoio do namorado à adolescente grávida.

São várias as aflições que perpassam a mente de uma adolescente e esta se sente realmente frágil, indecisa e por vezes sozinha, principalmente quando não tem a certeza de que o pai de seu bebê irá apoiá-la. É o que evidenciamos nos depoimentos a seguir:

“... eu pensei naquele dia que ele (‘Flautim’) ia me deixar. Chorei a noite inteira, porque pensei que ele não ia assumir comigo a gravidez” (Flauta)

“ah... eu me senti super sozinha, não sabia o que fazer porque achava que ele (pai de sua filha) não iria ficar comigo por causa da gravidez. Me senti como uma boneca de porcelana... prontinha pra se quebrar” (Sanfona).

A maior parte das adolescentes passa por momentos de grande angústia e tensão durante o processo da gravidez, sentindo medo de informar ao namorado, uma vez que em alguns casos a relação não é estável. Desta forma, muitas adolescentes enfrentam sozinhas o processo da gravidez, assumindo o filho sem o apoio do namorado. Trindade e Bruns (1998),

confirmam que muitos são os rapazes que, diante da gravidez da namorada, a abandonam simplesmente.

Um dos fatores decisivos para que o adolescente assuma ou não o filho, é o apoio dos adultos, pois enfrentar tamanha responsabilidade, faz com que os mesmos se sintam desamparados e amedrontados, como foi o caso de Flautim:

“Eu fiquei desnorteado... pensando no que ia ser da minha vida... todos os meus sonhos iam se acabar. Depois eu falei tudo o que eu estava sentindo pro pai e pra mãe e eles falaram que eu poderia trabalhar mais na loja pra ajudar e que eles iam continuar me ajudando nos estudos, que eu poderia morar na casa do lado e me casar com a Flauta (mãe de sua filha), mas que eu é que tinha que ver isso direito, porque casamento era coisa séria e era uma atitude pro resto da vida. Daí decidi que eu tinha que assumir o que eu tinha feito junto com a ‘Flauta’...” (Flautim).

De acordo com Trindade e Bruns (1998), o adolescente indaga o que fazer diante da gravidez, sendo que essa indagação, é primeiramente um pedido de socorro. No relato de Flautim, percebe-se que o mesmo não sabia como agir diante da gravidez, mas o apoio recebido foi fundamental para que pudesse decidir o que fazer, assumindo a gravidez com a namorada. Portanto, o apoio do adolescente à namorada grávida e conseqüentemente à criança, depende por vezes, do apoio que o mesmo recebe de seus familiares.

As adolescentes ao receberem o apoio do namorado, sentem-se amparadas e seguras com a presença do mesmo, bem como felizes, pelo fato deste ter “assumido” a criança, independente do relacionamento do casal ter continuidade ou não:

“Fiquei feliz com o apoio que o ‘Trompete’ me deu. Sei que a opção de não ficarmos juntos foi minha, mas acho que foi a decisão certa, mas o apoio dele no início não posso deixar de dizer que foi importante pra mim” (Trompa).

“... ele (Saxofone) deixou o luxo da casa dele pra ficar aqui comigo e com nossa filha, apesar de toda família dele ser contra nós dois [...] ele foi um herói...” (Clarineta).

“a gente namorava e ele (Triângulo) sempre dizia que se acontecesse alguma coisa, ele ia ficar comigo, porque ele gostava de mim e graças a Deus, ele ficou comigo mesmo após a gravidez” (Harpa).

Para que o adolescente apóie a gravidez da namorada é necessário, segundo Trindade e Bruns (1998), um repensar acerca do modo como a sociedade tem educado os jovens, ou de como tem assumido a própria realidade sexual. Os adolescentes percebem que no mundo à sua volta, de modo predominante, cabe à mulher o cuidado dos filhos. Com o nascimento do

bebê, é necessário que os adolescentes tenham a oportunidade de vivenciar seus papéis de pai e de mãe, como também seus papéis de adolescentes e de cidadãos na sociedade. Para isto, é necessário que os jovens recebam o apoio dos profissionais da saúde, da família e também dos amigos.

5.2.3.3 O apoio dos amigos

O apoio que os adolescentes receberam de seus amigos ocorreu de diversas formas, como através de conselhos, presentes, comida, dinheiro, sendo que muitos destes também eram jovens.

Os amigos da escola constituíram um espaço de apoio para os adolescentes, conforme relatos que seguem:

“Nossos amigos [...] nos ajudaram, alguns nos deram bons conselhos, outros nos ajudaram com dinheiro, outros com comida e outros com presentes para minha filha” (Clarinetista).

“Meus amigos do surf também me ajudaram bastante” (Saxofone).

“... as minhas amigas da escola também me ajudaram bastante. No primeiro dia eu fiquei com medo do falatório, mas minhas amigas vieram e me abraçaram, me ajudaram a superar várias coisas” (Viola).

O apoio dos amigos da escola mostra-se importante para os adolescentes, não apenas pelos presentes, mas principalmente pelo incentivo. As adolescentes, em especial, sentiam-se de certa forma desamparadas, temerosas com os comentários, mas através do apoio recebido para que continuassem estudando, fez com que se sentissem aceitas pelo grupo e amparadas no ambiente escolar. Na direção da escola, a adolescente também encontrou aceitação e incentivo para continuar estudando, como podemos observar na fala abaixo:

“A minha diretora veio aqui em casa e me incentivou a acabar a sétima série. Na época, eu não queria porque achava que meus colegas iam ficar falando, que ia dar comentário na escola, mas ela me incentivou e eu resolvi voltar” (Viola).

Com o depoimento de Viola, percebemos que a escola desempenha papel importante na trajetória da gravidez adolescente. É necessário articular não apenas projetos de educação sexual nas escolas com a parceria dos serviços de saúde, mas ir além, garantindo orientação sobre sexualidade e saúde reprodutiva para os adolescentes. Portanto, é fundamental que a escola, desde a diretoria, professores e alunos apoiem não apenas a adolescente grávida, mas

também o adolescente pai, para que o mesmo possa sentir-se aceito pela comunidade escolar e motivado a continuar estudando.

Dentre os amigos dos adolescentes que os apoiaram, encontramos o “patrão”, isto é, o empregador. Quando passamos a ler os relatos, verificamos que sendo pai do adolescente ou não, o empregador tem apoiado, disponibilizando uma carga maior de trabalho, para que os mesmos obtenham maior rendimento:

“... ele (pai e patrão do adolescente) falou que eu poderia trabalhar mais na loja pra ajudar” (Flautim).

“eu já trabalhava no mesmo restaurante que eu trabalho desde meus 13 anos, então eu era bem conhecido do meu patrão... ele é bem gente boa. Daí comecei a pegar também de noite no serviço...” (Triângulo).

“contei toda a história (da gravidez) pro meu chefe e ele me ajudou bastante... eu já trabalho um tempão com eles e ele me arrumou um serviço pra de noite também” (Trombone).

Os relatos mostram que os adolescentes que trabalham, são gratos aos patrões pelo apoio recebido. Mas não podemos deixar de citar que esta informação nos leva à uma triste realidade, a exploração do trabalho infantil. Nesta subcategoria, não entraremos no mérito da questão acerca do trabalho infantil, por não ser este nosso objetivo, mas salientamos que muitos adolescentes têm abandonado a escola para trabalhar, pois dos nove adolescentes/pais entrevistados, sete haviam abandonado os estudos antes mesmo de ocorrer a gravidez. Além disto, o adolescente acredita que o patrão é um grande amigo, pelo fato do mesmo lhe oferecer maior carga horária, esquecendo-se talvez de refletir que para o empregador é vantagem ter um empregado trabalhando por maior tempo, com salário baixo e ainda satisfeito.

Após a gravidez, os adolescentes casados ou não, devem ser amparados e cuidados. Cabe a todos apóia-los, sendo necessário o apoio da família, do namorado, dos amigos, da escola e também dos profissionais da saúde, pois esse é o momento em que mais necessitam de carinho e compreensão. Na trajetória da gravidez adolescente, é muito importante o apoio recebido, uma vez que os obstáculos são diversos, mas tendo apoio, será mais fácil ultrapassar cada desafio.

5.2.4 Quarta Categoria: A vivência da maternidade e paternidade adolescente

*“... já podaram seus momentos,
desviaram seu destino.
Seu sorriso de menino
quantas vezes se escondeu.
Mas renova-se a esperança,
nova aurora a cada dia.
E há que se cuidar do broto,
pra que a vida nos dê flor e fruto. (Milton Nascimento e Wagner Tiso –
trecho da música “Coração de Estudante”)*

Vivenciar “é viver, sentir ou captar em profundidade; é vivenciar uma situação”. Vivenciar vem de vivência que significa “experiência de vida; o que se viveu” (FERREIRA, 1999, p. 2082). E nesta categoria, abordaremos acerca da vivência da maternidade e paternidade, ou seja, a experiência de tal acontecimento na vida dos adolescentes.

A vivência da maternidade e paternidade na adolescência é considerada por alguns autores (PINTO, 1999; TAKIUTI, 1990; REIS e RIBEIRO, 2001), como uma vivência muito dolorosa para a moça que engravida, para o rapaz que a engravida, para o bebê que está sendo gerado e para a família dos adolescentes.

No entanto, percebemos que esta não é a regra, uma vez que, pode-se encontrar jovens felizes na posição de serem pais e mães. Sendo assim, faz-se necessário reconhecer as divergências que há quanto à vivência da maternidade e paternidade adolescente e buscar, através dos relatos, maior compreensão.

Nesta categoria, apresentaremos três subcategorias, sendo elas: o arrependimento, a adolescente mãe, o adolescente pai.

5.2.4.1 O arrependimento

De acordo com os dados, quatorze adolescentes (sete do sexo masculino e sete do sexo feminino) referiram sentir arrependimento na trajetória percorrida a partir da gravidez. Destes quatorze, encontramos onze adolescentes (quatro do sexo masculino e sete do sexo feminino), que se sentiram arrependidos durante a gestação, mas com o nascimento do filho e com outros acontecimentos ocorridos nesta trajetória, o arrependimento ficou para trás. Sendo assim, no momento da entrevista, três adolescentes do sexo masculino relataram continuar sentindo arrependimento em terem sido pais tão cedo, mesmo após o nascimento da criança.

Na vivência da maternidade e paternidade adolescente, pode ocorrer o arrependimento, que segundo Ferreira (1999), é quando sentimos mágoa ou pesar por erro cometido, é quando mudamos de parecer ou procedimento. O arrependimento foi evidenciado nos relatos dos adolescentes, pois quando estão se relacionando, não se preocupam com a gravidez, tendo como consequência, sentimentos tais como os expressos por Trompa e Fagote:

“... eu sinto um certo arrependimento sim, porque tudo poderia ser bem diferente, sem sofrimento nenhum...” (Trompa).

“eu me sinto arrependido... acho que era melhor namorar como todo mundo namora, numa boa, depois casar e só depois ter os filhos”(Fagote).

O arrependimento pode ser traduzido pela adolescência não desfrutada, pelos compromissos assumidos prematuramente, sendo que todas estas e outras modificações ocorridas a partir da gravidez, podem ainda ocasionar outras transformações na maneira de agir de muitos jovens, inclusive na vida sexual, como se observa nas falas a seguir:

“Agora, eu transo, mas me cuido porque não quero ser pai de novo tão cedo” (Trompete).

“... agora eu e o ‘Fagote’ não transamos mais sem camisinha, até as minhas amigas se espantaram com o que aconteceu comigo e começaram a se cuidar” (Bateria).

Encontramos adolescentes que expressam arrependimento pelo fato de terem sido pais precocemente, e que se fosse possível, gostariam de apagar a gravidez de suas vidas e modificar sua trajetória, como é o caso de Trompete:

“[...] se fosse pra eu escolher, eu gostaria de apagar essa história da minha vida, que só me fez sofrer... acho que o melhor é que não tivesse acontecido...” (Trompete).

Para Takiuti (1990), se os adolescentes adoravam ir a festas, dançar e cantar, agora terão que balançar o seu colo ao som do choro do nenê, evidenciando uma grande diferença existente entre os jovens que são pais e entre os que ainda não são. E são justamente essas diferenças existentes que quando comparadas, podem vir a desencadear o arrependimento:

“... percebo que a minha vida é super diferente da vida das minhas amigas que não são mães, porque elas têm outras preocupações... elas saem e voltam tarde da noite, só pensam em comprar roupas bonitas pra elas, em namorar, mas a minha vida é diferente de tudo isso, porque eu tenho que pensar em outra pessoa muito especial, que é a minha filha e de vez em quando, eu sinto um certo arrependimento” (Rabeca).

Quando os adolescentes percebem que magoam as pessoas que mais amam com o acontecimento da gravidez e conseqüente maternidade e paternidade, o arrependimento pode surgir, sendo que outro momento é quando descobrem e conscientizam-se de que são novos em idade e que havia ainda muito a fazer antes de assumir a maternidade e a paternidade:

“... eu me arrependi, porque eu sabia depois de tudo feito (planejamento da gravidez), que eu tinha deixado as pessoas que eu mais amava triste, como a minha mãe, irmã e o ‘Trombone’ (ex-namorado)” (Tuba).

“Seria melhor para ela (filha) e para nós (casal adolescente) se tudo isso acontecesse quando a gente estivesse um pouco mais maduro” (Flauta).

“... gostaria de ter minha filha depois que eu tivesse acabado todos os meus estudos, com um emprego bom e com um homem mais responsável que o pai dela...” (Trompa).

De acordo com Amazarray et al. (1998), muitas adolescentes grávidas demonstram arrependimento por sentir dificuldades para freqüentar a escola, conseguir bons empregos e manter as mesmas atividades sociais, já que normalmente dedicam-se exclusivamente à gestação, podendo ocorrer sentimentos ambivalentes.

Encontramos adolescentes que sentem ou já sentiram arrependimento devido o acontecimento da gravidez, mas em alguns momentos no decorrer da trajetória de vida, passaram a não mais se arrepender, como é relatado nos seguintes depoimentos:

“Acho que a questão do arrependimento tem muito a ver com o momento que a gente está vivenciando... tem hora que penso que foi muito bom tudo que aconteceu e tem vezes que me arrependo, mas acho que isso é natural da adolescência” (Rabeca).

“Tem vezes que eu me sinto arrependido por tudo que aconteceu, mas também tem vezes, que me sinto feliz por tudo que aconteceu” (Violão).

“Quando eu fiquei sabendo da gravidez, eu me arrependi até o último fio de meu cabelo por ter transado com a ‘Flauta’ sem preservativo durante o namoro, mas agora não. Agora, eu me sinto feliz com a minha vida ao lado dela e do meu filho” (Flautim).

Podemos observar que a atitude antagônica dos adolescentes quanto ao arrependimento na vivência da maternidade e paternidade é justificada pelos próprios jovens. Rabeca explica em sua fala, que essas variações de atitudes são naturais naturais na adolescência, completando que tudo depende do momento em que os jovens estão vivenciando.

Gostaríamos de obter maiores explicações acerca do arrependimento na vivência da maternidade e paternidade, mas não encontramos maiores fundamentações teóricas sobre o assunto, o que dificultou nossa discussão. Acreditamos que um dos fatores para que o arrependimento seja pouco abordado por pesquisadores deva-se ao fato de que investe-se muito na adolescente grávida e mãe, falando pouco sobre o adolescente pai, que referiu maior arrependimento, em comparação às mães entrevistadas. Além disto, pode acontecer de a adolescente, através da gravidez, ligar-se mais facilmente a criança, superando assim o arrependimento.

Diante dos relatos, podemos perceber que a vivência da maternidade e paternidade na adolescência é algo que necessita de muita cautela, pois não podemos afirmar que o arrependimento acontece na vida de todos e nem caracterizar a gravidez adolescente sempre como “indesejada”. O que podemos afirmar é que na vivência da maternidade e paternidade adolescente, alguns podem sentir arrependimento devido a várias circunstâncias, enquanto que outros poderão aceitar o fato e tê-lo como algo agradável em seu processo de viver. Tudo dependerá da cultura, dos valores e da realidade de cada envolvido.

5.2.4.2 A adolescente mãe

Percebemos que na vivência da maternidade, todas as adolescentes entrevistadas expressaram alegria. É importante salientar que algumas relataram arrependimento, assunto abordado na subcategoria anterior, mas este sentimento acabou ficando para trás com o nascimento da criança e pela própria trajetória percorrida a partir da gravidez.

As adolescentes relataram felicidade pelo fato de hoje serem mães, concordando com a pesquisa de Dandoorian (1996), onde contrariou a literatura tradicional, ao encontrar adolescentes contentes com a perspectiva de serem mães, desejando seus filhos. Portanto, nem toda “gravidez precoce” e “não planejada” é uma história totalmente infeliz. Nas falas abaixo, evidencia-se a felicidade das adolescentes perante a maternidade, sendo que algumas mães ainda falaram que amadureceram e cresceram na vivência de tal experiência:

“eu me sinto tão feliz ao lado de minha filha [...] que às vezes de noite, fico olhando para ela dormindo e agradeço a Deus por Ele ter me dado nesta vida a minha filha... ela é muito importante pra mim” (Clarinetista).

“Ser mãe é a coisa melhor do mundo. É muito legal a gente olhar pra uma pessoa e saber que ela veio de você” (Tuba).

“[...] eu acho que eu cresci e amadureci, principalmente depois que meu filho nasceu (Sanfona).

Os relatos evidenciam que a vivência da maternidade contribuiu para o amadurecimento, ou seja, para a responsabilidade e crescimento das adolescentes, sendo que Amazarray et al. (1998), afirmam que apesar da dificuldade em conciliar trabalho, estudo e maternidade, as adolescentes consideram a experiência muito positiva, tendo contribuído decisivamente para seu amadurecimento.

Há também adolescentes que vivenciam a maternidade, sentindo orgulho de seus filhos:

“Me sinto orgulhosa quando vejo meu filho...” (Viola).

“... ela (filha) me dá tanto orgulho...” (Clarineta).

“Minha filha é muito especial... quando eu passo na rua com ela, todo mundo para e começa a elogiar...” (Bateria).

As mães, principalmente, sentem um grande orgulho de seus filhos. Talvez pelo fato de as mesmas permanecerem mais tempo em companhia da criança, tendo mais oportunidade de vivenciar e desfrutar da maternidade, em relação aos pais. E a maternidade, de certa forma, acaba trazendo alguns destaques na vida das adolescentes, pois quando caminham nas ruas em companhia de seus filhos, as pessoas param e elogiam. Mas se as mesmas estivessem caminhando sozinhas, talvez ninguém as observasse, ninguém as parasse, mas seus filhos são capazes de fazê-las destacar-se no meio da multidão. Assim, as adolescentes passam a ser especiais.

Muitas acreditam que se tornam especiais desde a gravidez. De acordo com Ballone (2003), não é raro que a grávida adolescente experimente algumas sensações de ser especial. Quando a gravidez se torna óbvia e irreversível, a mulher passa a ter um “status” que lhe confere alguns privilégios, como caixas dos supermercados e de bancos prioritárias para grávidas ou de lugares reservados nos transportes públicos, entre outros. Para Paula (1992), a adolescente que se agarra ao papel de mãe, parece estar buscando a autoridade e o poder pertinente ao mesmo, pois a gravidez torna-se para a mesma como uma forma de compensar a imagem da adolescente imatura e dependente, através da função materna socialmente valorizada.

As adolescentes sentem-se felizes perante a maternidade e quando descobrem que seus filhos são totalmente dependentes das mesmas, sentem-se também especiais e valorizadas

para alguém. De acordo com Takiuti (1990), depois do parto, a adolescente possui alguém que precisa e depende dela, sente-se gratificada e valorizada por ser mãe de fato e de direito, cuidando de seus filhos, assumindo um papel importante em suas vidas. Nas falas abaixo, observa-se que as adolescentes sentem-se felizes em poder cuidar de seus bebês e também em ver que suas filhas a amam e que são dependentes delas:

“... é bom você ver sua filha, poder cuidar dela, e ver o quanto ela é inteligente, o quanto ela ama você e o quanto precisa de você. Eu curto muito a minha filha” (Rabeca).

“Ser mãe é algo que precisa de muito amor [...] acho que amor é o que eu tenho de sobra pra dar pra minha filha” (Flauta).

As adolescentes percebem que amar é preciso, mas algumas afirmam que é um amor capaz de dar a própria vida e passar por privações em benefício do filho. É amar com toda força que há, apesar das dificuldades, como se observa nos relatos abaixo:

“Ser mãe pra mim, é você ser capaz de amar uma pessoa e dar sua vida por ela... é você deixar de comprar roupas pra você e dar tudo para seu filho... é você deixar de comer algo melhor, pra poder dar o melhor para seu filho, é amar, amar, amar, com toda força que existe em seu ser, apesar de tantas dificuldades...” (Trompa).

“Acho que se eu amasse um homem, mas amasse mesmo e ele não aceitasse a minha filha, eu não ficaria com ele por amor a ela (filha), porque ela é tudo o que eu tenho, é a coisa mais preciosa...” (Tuba).

Na vivência da maternidade, de acordo com os depoimentos de Trompa e Tuba, a renúncia em prol do filho, vai ao encontro do que relata Abrapia (2003), onde ter filhos é assumir grandes responsabilidades, tendo que renunciar a muitos desejos pessoais.

Diante de tantas responsabilidades a assumir, bem como renúncias de sonhos devido a maternidade, há muitas mulheres que não acreditam que serão capazes de ser boas mães. E para Ballone (2003), em algumas adolescentes grávidas, o infantilismo fisiológico, próprio nesta faixa etária, é prontamente substituído por esse complexo de mãe incompetente. Carvalho (2003) ainda afirma ser óbvio que a biologia, através da gravidez, facilita à mulher a formação de vínculos precoces com o bebê, mas não garante o exercício de uma maternidade satisfatória, pois muitas não se sentem confortáveis nesta tarefa, sentindo-se culpadas por não serem aquela “boa mãe” que se exige. Neste estudo, encontramos adolescentes que se sentem imaturas para serem mães e que por vezes, não acreditam que são mães de seus filhos:

“Eu acho que sou uma boa mãe, apesar de às vezes, achar que sou uma criança como ela (filha)”(Flauta).

“Às vezes olho pra minha filha e nem eu mesmo acredito que ela é minha filha...”(Tuba).

“às vezes nem acredito que sou mãe dela”(Rabeca).

As experiências na vida da mulher, com relação à maternidade, vão influenciar na sua aptidão de mãe e, quanto maior ela for, mais capaz será de assumir as suas responsabilidades (BRAZELTON, 1988). Mas no caso da adolescente, suas experiências podem ser pequenas em relação à mulher adulta, mas isto não significa que a jovem não possua experiências em sua vida, pois por vezes, é cuidadora dos irmãos mais novos e/ou auxilia nos cuidados de bebês da vizinhança e de parentes em geral. Além disto, há adolescentes que desejavam ter um irmãozinho, mas este nunca chegou em sua família. Assim, no momento do nascimento de seu filho, tal criança passou a ser também o irmão desejado, como observamos no relato a seguir:

“...minha filhinha, às vezes, mais parece a irmã que eu nunca tive. Eu sempre quis uma irmãzinha, mas meus pais nunca me deram, agora tenho uma filha, que parece ser mais filha da minha mãe e minha irmã, porque a minha mãe cuida dela como se ela fosse uma filha” (Bateria).

Segundo Takiuti (1990), a adolescente que era a mãe dos irmãos, ou sonhava em ter irmãos para cuidar e brincar, agora tem um filho seu. Mas Bateria, em seu relato ainda afirma que a avó tem assumido a maternidade da neta, sendo necessário muito cuidado, uma vez que os papéis de mãe e avó devem ficar bem explícitos. Concordamos com Santiago (1999) quando afirma que os avós não devem adotar o neto, sob pretexto de a adolescente não saber cuidar do mesmo. A adolescente, a partir da maternidade, com uma ajuda negociada do pai e da mãe, poderá crescer e se transformar na verdadeira mãe do bebê da família.

Há um velho ditado que diz: “Ter filho é fácil, cuidar é que é difícil”. Este ditado pode até amedrontar algumas adolescentes, mas muitas o tem superado, cuidando com carinho de seus filhos, vivenciando assim a plena maternidade, ao lado do namorado ou marido e/ou da família.

Há vários discursos quanto à maternidade e no caso mais específico da maternidade adolescente. Percebe-se que há uma ambigüidade, pois dependendo da opinião dos(as) envolvidos(as), pode ser considerada “precoce, involuntária, indesejada, inoportuna, imoral, não planejada”, ou “oportuna, desejada (mesmo que inconscientemente), voluntária” e outros adjetivos. Além disto, a maternidade adolescente, mesmo sendo considerada geralmente como

não desejável nas sociedades atuais, tem sido reconhecida socialmente, pois podemos encontrar serviços especializados para esta clientela no Brasil, bem como inúmeras pesquisas acerca da adolescente mãe. Assim, as adolescentes têm vivenciado a maternidade, com olhares atentos da sociedade, que tem assistido seus encontros e desencontros.

5.2.4.3 O adolescente pai

O sentimento de felicidade diante da paternidade foi relatado por seis adolescentes, mas encontramos, também, a negação da paternidade, entre três que afirmaram ser um transtorno tornar-se pai.

Não costuma fazer parte do projeto de vida dos homens a paternidade - diferentemente das mulheres, que são desde pequenas condicionadas com brinquedos e comportamentos para serem mães - suas atenções em geral estão voltadas para a competitividade do mundo profissional.

Concordamos com Carvalho (2003), quando afirma que os homens, na própria vida sexual, têm mais dificuldade no uso da camisinha, como se a relação sexual sem cuidados anticoncepcionais, não implicasse em paternidade futura, cabendo à mulher tomar pílula e controlar o período fértil. Se engravidar, o erro foi dela. Mas assim como a jovem mãe, o adolescente pai também vivencia a paternidade, independente de tê-la enquanto uma experiência considerada “boa” ou “ruim” em sua vida.

E o descobrir-se pai, na maioria das vezes, é vivido com conflitos, tais como: a responsabilidade financeira, o compromisso afetivo com a família, o projeto de vida, o medo da nova experiência, a transformação na relação com a namorada, a divisão do amor com o filho, entre outros. Estas questões tendem a ser mais complexas quando trata-se de adolescentes, como afirmam Trindade e Bruns (1998), pois muitas mudanças são experimentadas na vivência da paternidade adolescente, sendo que além das modificações na vida presente do rapaz, há ainda os planos para o futuro que se alteram. Esses conflitos são evidenciados nos relatos a seguir:

“Eu sei que sou pai, sei que existe a minha filha, mas não me sinto como pai dela” (Trompete).

“[...] tive que assumir a filha e cuidar da descabeçada da mãe (ex-namorada). Deixei de comer as coisas gostosas da minha mãe e fui comer as coisas que ela (ex-namorada) fazia... eu estava com ela só por obrigação... é horrível, não desejo isso pra ninguém [...] me sinto como se eu não fosse pai” (Trombone).

Em alguns relatos, ficou claro que a atitude de “assumir” o filho e a namorada, pode ocorrer de uma forma não prazerosa e nem por amor, mas por obrigação. Fazer algo obrigado é algo que nenhum ser humano aprecia e no caso da paternidade, esta obrigação pode trazer conseqüências para o convívio entre pai e filho, pois encontramos adolescentes que apesar de ter a consciência de serem pais, sentem-se como se não o fossem, como observou-se nas falas de Trompete e Trombone.

Um dos fatores que talvez faça com que os adolescentes não se sintam como pais, seja o afastamento que existe dos mesmos com seus filhos. Quando ocorre a separação do casal, geralmente o pai distancia-se dos filhos, situação esta que evidenciamos nas falas abaixo:

“[...] eu fui voltando a minha vida normal, fui me afastando, me afastando e hoje parece às vezes que eu nem sou realmente pai” (Trompete).

“[...] amor e cuidar dela (filha), tenho dificuldade de dar, porque eles (família da ex-namorada) não me suportam e acabei me afastando dela, mas eu sei que ela não tem culpa de nada” (Piano).

“O pai da minha filha mudou em novembro para Jaraguá com toda a família dele [...] ele quase não vê a minha filha, mas no aniversário dela de um aninho, ele veio, trouxe presentes, mas ele nunca está presente ao lado dela” (Rabeca).

De acordo com Barroso et al. (1986), o pai adolescente é, geralmente, uma pessoa que está à margem, sendo um pai invisível, o grande ausente do processo da gravidez, geralmente pelo fato de não participar efetivamente das conseqüências do seu ato, ou seja, o afastamento. O adolescente, por vezes, acaba sendo um pai ausente e continua sendo, por mais que apareça em alguns momentos da vida de seu filho.

O fato de alguns adolescentes terem pouco contato com seus filhos, faz com que os mesmos assumam que não são bons pais, porque procuram seus filhos somente quando sua presença é realmente necessária:

“[...] a minha filha tem me dado pouca felicidade, porque pra falar bem a verdade, quase não vejo ela e tenho pouco contato com ela... de vez em quando, eu vejo ela (filha) na praia, ou encontro com ela na rua. Eu chamo ela de filha, dou carinho, mas sei que não sou um bom pai, porque só vou lá (na casa da filha) quando preciso” (Piano).

Acreditamos que em nossa sociedade há inúmeros pais como Piano, que têm a consciência de ser pai, mas também a plena convicção de que não agem como, ou seja, que não dispensam a atenção que deveriam aos seus filhos. Carvalho (2003), faz uma comparação

interessante entre o pai e a mãe, ao abordar que o reforço social para o desenvolvimento da capacidade feminina de cuidar é muito grande, tanto é que a expressão “mãe desnaturada” reflete bem a exigência sobre a mulher de dedicar-se aos filhos, para evitar ser qualificada como tal. No entanto, o pai que não cria os filhos, aquele que se afasta deles, geralmente não recebe nenhum julgamento de seu grupo social.

Encontramos adolescentes que citam as principais características de um pai, mas não conseguem agir de tal forma e outros que devido ao afastamento do filho, não possuem condições de conceituar o que vem a ser pai:

“[...] eu sei da grande responsabilidade de um pai, mas acho que não faço quase que nenhuma delas até hoje” (Trompete).

“Ser pai, infelizmente, é ser o que eu não sou... atencioso, cuidadoso, sustentar por inteiro a filha, ser responsável e principalmente amar a filha como nunca amou ninguém” (Trompete).

“[...] até hoje, eu não sei direito o que é ser pai” (Trombone).

O fato de pais adolescentes auxiliarem nas despesas de seus filhos, enviando dinheiro, faz com que muitos acreditem que são responsáveis:

“Ajudo (financeiramente) e vou continuar ajudando (minha filha) com o que estiver ao meu alcance, porque esse é meu dever como pai, mas acho que também era meu dever fazer mais coisas, mas não consigo ou talvez eu não tenha vontade mesmo” (Piano).

“Tenho responsabilidade de pai, dando o dinheiro pra minha filha” (Piano).

“[...] acho que sou pai apenas no momento de levar o dinheiro, de pagar as contas na farmácia” (Trombone).

Encontramos pais adolescentes que demonstram afeto pelo filho, mas que afirmam que será diferente quando casarem e constituírem família, dando-nos a impressão de que os filhos de seu futuro casamento estarão sempre próximos, de que não serão pais ausentes como são com os filhos atualmente. No relato abaixo, podemos observar tal afirmação:

“Quero o bem da minha filha, mas é algo diferente do que eu gostaria que fosse. Acho que o dia que eu casar, ter meus filhos, vou querer o bem deles, mas vou estar sempre por perto, vou ver os seus tombos, os seus choros e risos e isso, eu não vejo em minha filha” (Trombone).

Apesar de tantos desafios na vivência da paternidade, também encontramos adolescentes que diante da paternidade, perceberam a responsabilidade, uma vez que reconhecem que o futuro de seus filhos, de certa forma, depende deles:

“[...] é bastante responsabilidade em pensar no que vai ser dessa menina (filha) se depender de mim... eu me cobro muito quanto a isso e espero que do que depender de mim, ela será uma boa pessoa, que ajudará os outros” (Fagote).

“[..]. ser pai é uma grande responsabilidade, porque imagina, a vida do meu filho depende muito de mim e da Harpa e a gente tem que se esforçar o máximo para que ele seja uma boa pessoa, pra que ele cresça com saúde[...]” (Triângulo)

Nos relatos de Fagote e Triângulo, percebe-se falas que procedem de pais que convivem com os filhos e com as namoradas – mãe de seus filhos. São relatos de adolescentes que vivenciam a paternidade com total responsabilidade, sendo que alguns relatam que um dos maiores acontecimentos de suas vidas foi justamente o fato de terem sido pais na adolescência:

“[..]. é legal você curtir a filha, ver que ela está gatinhando, depois andando, e agora até falando... é muito legal ver tudo isso[..].” (Fagote).

“[..] me sinto muito feliz por ser pai[...]” (Triângulo) .

“[..] ter sido pai na minha adolescência, foi um dos maiores acontecimentos da minha vida, porque através do nascimento da minha filha, eu aprendi muita coisa, coisas que mudaram completamente minha maneira de pensar e agir” (Saxofone).

“Ser pai é uma realização. É muito bom você voltar pra casa e saber que tem alguém muito especial te esperando” (Violino).

Pela ausência afetiva dos pais, um adolescente pode buscar o amor que não teve através do filho. Medrado e Lyra (2000) afirmam que a gravidez e conseqüente paternidade podem propiciar a alguns adolescentes benefícios emocionais substanciais.

A paternidade adolescente parece envolta por sentimentos contraditórios. Como vimos, a paternidade pode proporcionar prazer indescritível como um agradável som musical, mas também pode ser encarada como um difícil exercício, como o silêncio, como algo que não deveria ter acontecido. Portanto, mais uma vez, vê-se a necessidade de pesquisadores não generalizar as situações vivenciadas pelos adolescentes frente a gravidez, pois tudo pode acontecer, desde a negação da paternidade, até a realização e felicidade na vivência da mesma.

6 SEXTO COMPASSO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ver e ouvir uma orquestra afinando os instrumentos, com os constantes movimentos atrás das cortinas e com as luzes que começam a ficar mais toscas, sabe-se que algo certamente está para acontecer... os eventos ainda não ocorreram, mas todo o cenário está pronto para que eles possam acontecer a qualquer momento. Assim também é a vida, pois enquanto dormimos, todo o cenário do novo dia está preparando-se para nascer.

Dia após dia, a partir dos dados evidenciados ao longo do processo de pesquisa, este trabalho foi desenvolvido com cenários que foram sendo desvelados passo a passo, até chegar neste compasso final.

A gravidez adolescente pode ocorrer em virtude de diversos caminhos... planejados ou acidentais, fortalecendo ou fragilizando os jovens, proporcionando alegrias ou tristezas, promovendo encontros ou determinando desencontros.

A aceitação da gravidez está relacionada com seu planejamento, sendo que quando a mesma ocorre de forma inesperada, a primeira atitude, geralmente, é negar ou rejeitar o fato.

A gravidez vem acompanhada de transformações significativas, onde os acontecimentos são citados como antes ou depois da gestação, sendo considerada como um “divisor de águas” no processo de viver dos adolescentes. E na vivência destas transformações, acontecem os encontros e também os desencontros... alguns adolescentes casam-se enquanto que outros separam-se; ser mãe e “dona de casa” pode ser a realização de um projeto de vida, como também o desmoronar de sonhos e projetos desfeitos ou adiados por conta da gravidez; o trabalho passa a ser a prioridade para muitos adolescentes, contribuindo com o abandono dos estudos.

Nos encontros e desencontros da trajetória percorrida pelos adolescentes, tendo como ponto de partida a gravidez, os jovens têm assumido atividades de adultos e as adolescentes que deveriam estar sendo conduzidas por seus pais, tornam-se mães e “donas de casa”, antecipando etapas em seu processo de viver.

Mesmo não sendo objetivo deste estudo, é importante salientar que muitos adolescentes, principalmente do sexo masculino, têm abandonado a escola, independente da gravidez ocorrer, comprovando duas tristes realidades de nosso país: a evasão escolar e o trabalho infantil.

Na trajetória da gravidez, muitos adolescentes sentem-se sozinhos e desamparados, tornando-se fundamental o apoio da família, dos amigos, da escola, dos profissionais da saúde. Para as adolescentes torna-se importante a participação do namorado. Os obstáculos continuarão, mas tendo o suporte da rede social, os conflitos serão minimizados.

Algumas escolas têm se destacado, mostrando um novo papel: o de não apenas “prevenir” a gravidez adolescente, mas o de também apoiar e cuidar dos jovens pais e mães. Mas onde está o apoio dos profissionais da saúde? O que nos intrigou foi que nenhum adolescente citou sobre o apoio recebido de profissionais da saúde na trajetória da gravidez, maternidade e paternidade, evidenciando que infelizmente, têm-se dado mais ênfase para a “prevenção” da gravidez e DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), deixando assim um silêncio na assistência de jovens que já são pais e mães.

Nosso desejo é que os profissionais da saúde despertem de seu “sono profundo” e atentem para o grande e crescente número de gravidez na adolescência em nosso país, para assim fornecer uma assistência integral aos jovens pais e mães, que tanto carecem de informações e de apoio.

Neste estudo, evidenciamos que existem diferentes vivências da maternidade e paternidade adolescente, podendo ser esta experiência não apenas negativa, mas por vezes, repleta de significados positivos. A gravidez na adolescência tem sido considerada, quase sempre, como um problema, acompanhada por um discurso associado a aspectos negativos. Porém, se faz necessário um questionamento da concepção negativa e moralista que se apóia no critério de idade e concebe toda gravidez adolescente enquanto problema. Não se pretende com isto, aceitar a maternidade e paternidade na adolescência como uma boa ou melhor opção, mas entende-se que cada vez mais, faz-se necessário revisar as concepções e valores em relação à mesma, considerando toda sua complexidade, discutindo e problematizando sobre a saúde reprodutiva dos jovens. Além disto, a concepção negativa e reducionista da gravidez adolescente pode construir restrições no desenvolvimento de pesquisas, dificultando o fornecimento de subsídios aos profissionais da saúde para o desenvolvimento de ações junto a esta população.

Durante o processo de pesquisa, também encontrei-me e desencontrei-me por diversas vezes: concordava com um autor e discordava de outro; escrevia muitas linhas, depois as apagava, resumindo-as em apenas um parágrafo; trazia comigo algumas “verdades” que foram transformadas em “mentiras” através dos relatos dos adolescentes. Estes e tantos outros acontecimentos fizeram parte da trajetória por mim percorrida nesta pesquisa,

proporcionando-me conhecimentos que trouxeram intenso aprendizado, indo além de minha vida profissional, atingindo de uma maneira muito especial meu processo de viver, destacando entre tantos relatos, o de Rabeca a seguir:

“O momento que eu soube da gravidez foi um dos momentos mais tristes e difíceis da minha vida. Me arrependi amargamente, sofri... mas hoje por incrível que pareça, a minha filha é a maior alegria da minha vida, é uma benção de Deus recebida. Hoje percebo que foi muito bom tudo que aconteceu... eu acho que a gente tem que viver dia após dia, porque a tristeza de um dia, pode ser a alegria do amanhã.”

É preciso que os adolescentes estejam afinados, e em parceria com suas famílias, amigos, escola e também com os profissionais da saúde possam emitir notas musicais, seguindo a partitura escrita nas páginas de vida de cada um, uma vez que as partituras e os instrumentos, fazem parte da mesma orquestra, que em conjunto formam a vida em sociedade.

Portanto, compete a todos os instrumentos, a cada um que compõe a vida na sociedade, o desafio de compartilhar com os mais jovens acerca dos métodos contraceptivos, bem como de compartilhar acerca da vivência da maternidade e paternidade nesta fase, para que os adolescentes possam com sabedoria, tranquilidade e competência ter a liberdade de escolher o melhor para suas vidas, pois como afirma Bach (2000, p. 17): “Não é o desafio que define quem somos nem o que somos capazes de ser, mas como enfrentamos esse desafio: podemos incendiar as ruínas ou construir, através delas e passo a passo, um caminho que nos leve à liberdade”.

A trajetória percorrida pelos adolescentes não termina aqui. Muito pelo contrário, os acontecimentos surgem constantemente, novos cenários são formados, encontros e desencontros são realizados, evidenciando que ainda há muito para descobrir acerca do assunto, sendo necessário pesquisar e divulgar os resultados, para o aprimoramento e qualificação do processo de compreensão da gravidez adolescente.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Gravidez na adolescência**. Disponível em: www.abrapia.org.br/ Acesso em: 14/06/2003.

ALTSCHÜLLER, C. **Pai precoce**. Disponível em: www.bolsademulher.com/entrevista. Acesso em: 08/10/2002.

AMAZARRAY, M. R.; MACHADO, P. S.; OLIVEIRA, V. Z.; GOMES, W. B. A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n11, p. 1-10, 1998.

ARRUDA, S. Introdução. In: VIEIRA, E. M. et al. (orgs). **Seminário gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro, 1998.

BACH, R. In: RIBAS, L. M. **Mensagens para sempre**. São Paulo: Ed. Record, 2000.

BALLONE G. J. **Gravidez na adolescência**. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/adoelesc3.html>. Acesso em: 08/06/2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70 LDA, 1977.

BARROSO, C. et al. **Gravidez na adolescência**. Brasília: IPLAN/IPEA-UNICEF; Fundação Carlos Chagas, 1986.

BEHLE, I. Reflexões sobre fatores de riscos na prevenção primária da gestação na adolescência. In : MAAKAKAROU, M. F.; SOUZA, R. P.; CRUZA, A. R. **Tratado de adolescência**: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro: Cultura Médica. 1991, p. 420-428.

BEMFAM (Sociedade Civil do Bem-Estar Família), 2002. Disponível em: www.bemfam.org.br. Acesso em: 10/07/2003.

BERNARDI, F. **Adolescentes engravidam porque querem**: foi derrubado o mito de que a principal causa da gravidez na adolescência decorre da desinformação, 2002. Disponível em: <http://elogica.br.inter.net/lumigun/acervo.htm> Acesso em: 07/06/2003.

BORGES, R. **Gravidez na adolescência e reconhecimento social**: estudo de caso entre adolescentes grávidas no Bairro Saco Grande/Monte Verde, zona urbana de Florianópolis. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Mestrado em Sociologia, Florianópolis, 1999.

BRAGA, L. **Encomenda antecipada**. In: FAPERJ, 2003. Disponível em: www.faperj.br/interna.phtml?obj_id=532 Acesso em: 07/06/2003.

BRASIL. Ministério de Assistência à Saúde. **Normas de atenção à saúde integral do adolescente**. Brasília, DF, 1993.

_____. **Gravidez na adolescência**, 2001. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/sps/areastecnicas/adolescente/gravidez.htm> Acesso em: 01 de agosto de 2002.

_____. **Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Saúde. Instituto para o Desenvolvimento da Saúde. Universidade de São Paulo. **Manual de enfermagem: programa saúde da família**. São Paulo: Ministério da Saúde, 2001.

BRAZELTON, T. B. **O desenvolvimento do apego: uma família em formação**. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da adolescência**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CARDOSO, D. M. Prevenção da Gravidez na Adolescência. In: CURSO NESTLÉ DE ATUALIZAÇÃO EM PEDIATRIA, Anais. Belo Horizonte, 2000.

CARVALHO, M. L. **Homem tem jeito para cuidar de criança?** In: APASE - Associação de Pais e Mães Separados. Publicação no site "Baby Site"- Seção "Cantinho do Papai". Disponível em: www.apase.com.br Acesso em: 10/06/2003.

CAVASIN, S.; ARRUDA, S. **Gravidez na adolescência: um outro enfoque**. Disponível em: www.intelecto.net/cidadania/gravidez.htm. Acesso em: 07/06/2003.

CHIZZOTTI, A. O. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CONSED. **O novo cenário educacional: avanços e desafios**. Disponível em: www.consed.org.br/sobre_11.asp Acesso em: 07/06/2003.

CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO, **Lei nº 10.406 de 10/01/2002**. Disponível em: www.direitoenegocios.com.br/leis/codigo_civil.htm Acesso em: 07/06/2003.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988. Disponível em: www.senado.gov.br/bdtextual/const88/const88.htm. Acesso em: 14/04/2003.

COSTA, A. O. O adolescente perante as leis. In: BARROSO, C. et al. (orgs). **Gravidez na adolescência**. Brasília: IPLAN/IPEA, UNICEF, 1986.

COSTA, D. D. G. **Adolescência e sexualidade: a enfermagem na construção de um processo educativo fundamentado em Paulo Freire**. 2000. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis: 2000.

DANDOORIAN, D. A. Por que elas querem engravidar? **Revista Feminina**. v. 24, n 1, jan/fev. 1996.

DATASUS. Ministério da Saúde. **Rede Interagencial de Informações para a saúde**, 2002. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br>. Acesso em :07/03/2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A., 1997.

FARIAS, V. F. **Itapema: natureza, história, cultura**. Itapema: Ed. do autor, 1999.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, M. S. **Gravidez na adolescência: uma construção social**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis: 2000

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GROETZE, F. M. F.; LISBOA, L. Gravidez na adolescência. In: **Sociedade Catarinense de Pediatria**, 2002. Disponível em: www.scp.org.br/conversando_pais/gravidez_adolescencia.html. Acesso em: 24/05/2003

HARRISON, M. **O primeiro livro do adolescente sobre amor, sexo e AIDS**. Trad. Maria Adriana Veronesse.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HELENA, L. A. A paternidade antes da maioridade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23, jul, 1995. Caderno Rio, p. 33.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2002. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso em: 10/07/2003.

IONESCU, A. et al. Adolescência e gravidez. In: ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro**. Brasília:1988, p. 209-226.

JREISSATI, C. S. **Adolescente e grávida**, 2001. Disponível em: http://www.jovensgravidas.hpg.ig.com.br/saude/13/index_pri_1.htm. Acesso em: 18 de agosto de 2002.

LYRA, J. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, São Paulo 1997.

_____. Participação masculina na gravidez adolescente. In: VIEIRA, E. M. et al.(orgs). **Seminário gravidez na adolescência**. São Paulo: Cultura. 1999, 119-126.

MALDONADO, M. T. **Maternidade e paternidade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, L. Há menos casamentos no Brasil, mostra IBGE. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 17, dez., 2002.

MEDRADO, Benedito. LYRA, Jorge. **Paternidade na adolescência.: para além da prevenção**, 2000. Disponível em: <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/textocompleto/paternida.htm>. Acesso em: 08/10/2002.

MEINCKE, S. M. K. **O cuidado na família da adolescente grávida solteira: uma**

abordagem cultural. 1999. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 1999.

MELO, J. **Casamento entre menores ainda provoca muita polêmica na família**, 2001. Disponível em: www2.uol.com.br/JC/_2000/2308/fa.2008C.htm. Acesso em: 23/10/2003.

MELO, M. T. **Um estudo sobre gravidez na adolescência no Hospital Regional de São José – Homero de Miranda Gomes – SC**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia), – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis: 2000.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MIRANDA, A. Elas sabem o que fazem. In: **Jornal da Unicamp**, março de 2001, pg 8-9. Disponível em: www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/mar2001/pagina8-ju159.html. Acesso em: 10/06/2003.

NETO, I. de C. **A idade mínima para casamento**, 2002. Disponível em: www.santajus.unisanta.br/doutrina.asp?ID=29&Order=titulo,%20autor&viewArticle=70. Acesso em: 12/10/2003.

NITSCHKE, R. G. **Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável**. 1991, Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis: 1991.

OLIVEIRA, R. S; CARNEIRO, F. **Corpo: meu bem, meu mal**. Rio de Janeiro: ISER, 1995.

OLIVEIRA, M. W. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. **Cadernos CEDES**, v.19, n45, p. 48-70, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL, da Saúde. **Saúde reprodutiva de adolescentes: uma estratégia para ação**. Genebra: OMS/FNUAP/UNICEF, 1989.

_____. **La salud de los jóvenes o un reto y una esperanza**. Genebra, 1995.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. MADDALENO, M. et al. **La salud del adolescente y del joven**. Washington, D. C. OPS/OMS. 1995. (Publicación científica, 552).

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

PATRÍCIO, Z. M. A. **A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através do marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural**. 1990. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 1990.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São

Paulo: Best Seller, 1991.

PAULA, Dirce B. **Gravidez na adolescência: estratégias de inserção no mundo adulto**. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, São Paulo, 1992.

PINTO, R. P.; AZEVEDO, C. M. A gravidez na Adolescência na perspectiva dos profissionais de saúde. In: BARROSO, Carmen et al. **Gravidez na adolescência**. Brasília: IPLAN/IPEA-UNICEF; Fundação Carlos Chagas, 1986.

PINTO, E. B. **Orientação sexual na escola: a importância da Psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

PÓLIS, Estudos, Assessoria e Formação em Políticas Sociais. **Programas de atenção à gravidez na adolescência**. Comunicação em Sexualidade: Fundação MacArthur, n. 191, 1997. Disponível em: <http://www.polis.org.br/publicações/dicas/181344.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2002.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REIS, A. O. A. **O discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida: Avatares**. 1993. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, São Paulo, 1993.

REIS, A. O. A.; RIBEIRO, M. A. A. **Gravidez na adolescência**, 2001. Disponível: www.nib.unicamp.br/svol/gravprec.htm Acesso em: 29/05/2003.

RODRIGUES, A. P. et al. Gravidez na adolescência. **Feminina**, Rio de Janeiro, v.21, n.3, p. 199-218, mar. 1993.

RODRIGUES, A. **Psicologia social**. 14 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

SANTIAGO, O. R. **50 Respostas sobre nossos adolescentes e sobre nós, pais, também: um guia prático**. Florianópolis: Papa-Livros, 1999.

SOUZA, M.M.C. - A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos: um retrato a realidade. **O Mundo da Saúde**, v.23, n.2, p. 93-105, 1999.

SPERAW, S. Adolescents perceptions of pregnancy: a cross-cultural pespective. **Western Journal of Nursing Research**, v. 9, n. 2, p. 180-200, may 1987.

SPITZ, C.. **Adolescentes perguntam**. São Paulo: Summuns, 1997.

TAKIUTI, A. D. Mitos e tabus da gravidez adolescente. In: COSTA, Moacir (coord.) **Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos**. São Paulo: Gente, 1994, p. 24-49.

_____. **A adolescente está ligeiramente grávida e agora?: Gravidez na Adolescência**. São Paulo: Iglu, 1990.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial**. São Paulo: Ágora,

1986, 236 p.

TRINDADE, Z. A. MENANDRO, M. C. S. Pais Adolescentes: vivência e significação. **Estudos de Psicologia**. Natal, jan. 2002, v.7, n.1, p. 15-23. ISSN 1413-294x. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294x2002000100003&ing=em&nrm=isso. Acesso em: 24/05/2003

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. de T. Pai adolescente: quem é ele? **Revista Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH**, v.9, n. 01, p. 23-28, jan./jul 1998.

VITALLE, M. S. de S.; AMÂNCIO, O. M. S. **Gravidez na adolescência**. Disponível em: www.brazilpednews.org.br/set2001/bnpar101htm Acesso em: 04/05/2003.

VITIELLO, N. Gravidez na Adolescência. In: RIBEIRO, M. (Org.) **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

ZAGONEL, I. P. S. **O ser adolescente gestante em transição ex-sistindo: um enfoque de cuidar – pesquisar sob a ótica da Enfermagem**. 1998. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 1998.

ZAGURY, T.. **O adolescente por ele mesmo**. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

WAJMANN, M. S. R. et al. Gravidez na adolescência: aspectos psicossociais. In: ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. Organização Mundial, de Saúde. **Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro**. Brasília: 1988, p. 89-99.

ANEXOS

ANEXO 01 – Termo de compromisso

Prezados Adolescentes:

Os casos de gravidez na adolescência têm crescido a cada ano, evidenciando a importância em estudar sobre este tema na área da saúde pública.

Sou enfermeira e estou cursando Mestrado em Saúde Pública, na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Neste curso, interessei-me em pesquisar sobre a gravidez na adolescência, tendo como objetivo conhecer a trajetória percorrida pelos adolescentes, a partir da gravidez. Para isto, vocês estão sendo convidados a participar desta pesquisa, sendo que seus nomes não serão revelados.

Salientamos que vocês poderão desistir de participar, em qualquer momento da pesquisa, não havendo qualquer forma de constrangimento.

Pretendo coletar os dados através de entrevistas, que serão gravadas em fita K7 e realizadas na casa de vocês. Desta forma, necessito de vossa autorização para realizar este estudo e desde já, coloco-me a disposição para qualquer esclarecimento.

Caso aceite participar da pesquisa, por favor, assine a folha anexa, concordando em participar desta pesquisa.

Desde já, agradeço.

Enf. Jeane Barros de Souza Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA

AUTORIZAÇÃO

Tendo sido convidados a participar da pesquisa – Encontros e Desencontros na trajetória percorrida pelos adolescentes a partir da gravidez:

– eu, _____, RG _____, e
(adolescente pai)

eu, _____, RG _____,
(adolescente mãe)

diante do que nos foi explicado, concordamos em responder às questões sobre nossa vivência durante o processo gestacional/ paternidade e maternidade.

Assinatura do adolescente

Assinatura do responsável pelo adolescente

Assinatura da adolescente

Assinatura do responsável pela adolescente

Florianópolis, ____ de _____ de 2003.

ANEXO 02 – Entrevista semi-estruturada

- a) A gravidez foi planejada?
- b) Como foi para você saber que teria um filho?
- c) O que mudou em sua vida, a partir da gravidez?
- d) Quais as pessoas que lhe deram apoio durante a gestação, maternidade e paternidade?
- e) Você se sente arrependido (a) em ter sido pai ou mãe na adolescência?
- f) Como é ser pai e mãe adolescente?

ANEXO 03: A enumeração: contagem das respostas das entrevistas

- Planejamento da Gravidez:

	Pais (9)	Mães (9)	Total (18)
Gravidez Planejada	03	04	07
Gravidez não planejada	06	05	11

- A confirmação da gravidez:

	Pais (9)	Mães (9)	Total (18)
Aceitação	03	04	07
Rejeição	04	03	07
Aceitação X Rejeição	02	02	04

- Adolescentes que acreditam que a vida se transformou depois da gravidez:

	Pais (9)	Mães (9)	Total (18)
Transformação no adolescer após gravidez	09	09	18

- As transformações ocorridas na vida dos adolescentes após gravidez:

	Pais (9)	Mães (9)	Total (18)
Necessidade de trabalhar	08	03	11
Vida mais responsável	09	09	18
Modificações no destino do dinheiro	06	02	08
Transformando-se em donas de casa	-	08	08
Mudança no ambiente físico	02	02	04**
A união dos adolescentes	05	05	10**
A separação do casal adolescente	04	04	08
Abandono dos estudos após gravidez	***	09	09
Desejo de retornar aos estudos	02*	06	08

* Dois dos adolescentes que já haviam abandonado os estudos antes de ocorrer a gravidez, sentiram-se motivados a voltar a estudar com o nascimento do filho.

**10 adolescentes (05 pares) mantiveram-se unidos após a gravidez. Destes, apenas 04 modificaram de ambiente físico, devido ao fato de 01 casal continuar o relacionamento apenas como namorados, morando ambos na casa de seus pais, por isso, não modificaram seu ambiente físico.

*** Dos 09 pais adolescentes entrevistados, 07 abandonaram os estudos antes de ocorrer a gravidez e 02 continuaram estudando.

- O apoio destinado aos adolescentes:

	Pais (9)	Mães (9)	Total (18)
Apoio da família	08	08	16
Apoio do companheiro	-	07	07
Apoio dos amigos	07	07	14
Apoio da escola	-	04	04
A falta de apoio da família	01	01	02
Apoio do patrão	03	-	03

- O arrependimento perante a gravidez adolescente:

	Pais (9)	Mães (9)	Total (18)
O arrependimento	03	-	03
O arrependimento transformando-se em regozijo	04	07	11
Não se arrependem	02	02	04

- Ser pai e mãe adolescente:

	Pais (9)	Mães (9)	Total (18)
A felicidade perante paternidade/maternidade do adolescente	06	09	15
Negação da paternidade	03	-	03
Transtorno de ser pai adolescente	03	-	03

ANEXO 04: Características dos adolescentes entrevistados

* **VIOLA E VIOLINO:** Viola tem quatorze anos e Violino tem dezoito anos de idade. A família de Violino é de classe média/baixa e a de Viola é de classe média (segundo relato dos adolescentes). Os pais de Violino e Viola possuem casa própria e emprego para sustentar toda a família. Viola foi mãe aos quatorze e Violino foi pai aos dezessete anos de idade. Os pais de Viola não aceitavam o namoro do casal, por acreditar que a mesma era muito nova para manter um relacionamento. Assim, os adolescentes optaram pela gravidez para que os pais de Viola aceitassem o relacionamento. E foi o que aconteceu, pois hoje moram justamente na casa dos pais de Viola e não casaram oficialmente, porque a mesma é menor de idade. Possuem grandes planos para casamento no futuro e outros filhos. O filho do casal tem oito meses. Violino, por opção, abandonou os estudos após término do primeiro grau e foi trabalhar, sendo que atualmente ocupa o cargo de balconista numa lanchonete, onde consegue pagar as despesas alimentícias e roupas do bebê, recebendo auxílio financeiro do sogro e pais, quando necessário. Viola nunca trabalhou e concluiu a sétima série, grávida, não voltando mais aos estudos após o nascimento do bebê. Os adolescentes declaram grande desejo de retornar a estudar, para que possam ter mais sabedoria na educação do filho.

* **FLAUTA E FLAUTIM:** Flauta tem dezessete e Flautim tem dezenove anos. Flauta, antes da gravidez, vivia com a mãe e o irmão mais velho, pois seu pai havia morrido num acidente, quando a mesma tinha sete anos de idade. Flautim é filho único e vivia com toda a família em Itapema, trabalhando na loja do pai nas horas vagas. Flauta nasceu em Cascavel – PR e com oito anos veio morar em Itapema com a família. Flauta e Flautim são de classe média (segundo relato dos adolescentes) e ambos concluíram o segundo grau, sendo que Flautim cursa Ciências Contábeis na UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí). Namoraram durante oito meses e depois aconteceu a gravidez. Tinham conhecimento dos métodos anticoncepcionais, mas acreditavam que não ocorreria uma gravidez com os mesmos. A notícia da gravidez trouxe grande espanto para o casal e algumas incertezas no relacionamento. Mas juntos, decidiram se unir, casaram-se e fizeram uma festa para comemorar este acontecimento. Flauta foi mãe aos dezesseis e Flautim foi pai aos dezoito anos. Com o casamento, Flautim passou a trabalhar durante o dia na loja do pai e a fazer faculdade à noite. Flauta, para auxiliar no orçamento doméstico, além de cuidar da casa e da filha, trabalha num *shopping* de verão em Itapema. Enquanto trabalha, sua sogra ou sua mãe

cuidam de sua filha de um ano e dois meses. Flauta deseja fazer faculdade, mas está aguardando Flautim acabar seu curso, para que depois a mesma tenha a oportunidade de continuar estudando.

* **HARPA E TRIÂNGULO:** Harpa tem dezoito e Triângulo tem dezessete anos. As famílias de Triângulo e de Harpa são de classe baixa (segundo relato dos adolescentes). Triângulo é filho único. Sua mãe engravidou na adolescência e seu pai não o “assumiu” como filho. Triângulo morava com a mãe e desde os treze anos de idade, passou a trabalhar num restaurante de Itapema. Quando soube da gravidez de sua namorada, aumentou as horas de trabalho, para poder sustentar sua família. Triângulo estudou até a oitava série e depois abandonou os estudos, enquanto que Harpa estudava e nas horas vagas, era manicure. O casal namorou por volta de um ano e depois começou a manter relações sexuais, utilizando preservativo. O problema é que durante a relação sexual, o preservativo “saía” e Harpa passou a tomar anticoncepcional escondido, mas a mãe acabou descobrindo e pediu para a mesma parar de tomar o comprimido. Após três meses, aconteceu a gravidez. Harpa, quando soube da gravidez, continuou estudando e trabalhando, mas quando nasceu o filho, sentiu dificuldades de deixar a criança em casa e desistiu dos estudos, parando no segundo ano do segundo grau. Relata ter desejo de retornar aos estudos quando o filho estiver maior. Harpa foi mãe aos dezessete anos e Triângulo foi pai aos dezesseis anos de idade. Os pais de Harpa e de Triângulo auxiliaram o casal adolescente durante toda a trajetória da gravidez. Harpa continua trabalhando como manicure e tem uma boa clientela. O casal paga as despesas da casa e para o próximo ano, estão planejando casar oficialmente e também no religioso. Atualmente moram com a mãe de Triângulo.

* **SANFONA E VIOLÃO:** Sanfona é uma adolescente de dezessete anos. Nasceu em São Miguel D'Oeste – SC e há alguns anos, veio com sua família de classe média (segundo relato da adolescente) para Itapema. No colégio, conheceu Violão, um adolescente de dezoito anos. Violão nasceu em Itapema e é de família de classe média (segundo relato do adolescente). Quando tinha dezesseis anos, começou a namorar com Sanfona. Depois de alguns meses, começaram a manter relação sexual às escondidas, fazendo uso de preservativo. Mas Sanfona começou a perceber que seu corpo estava diferente e que sua menstruação estava atrasada e desesperada, foi conversar sobre a possibilidade da gravidez com Violão. Ele também ficou desesperado e deixou de vê-la durante três dias. Neste período, Sanfona

começou a fazer os exames. Por surpresa, após alguns dias, Violão foi até a casa de sua namorada, dizendo que havia contado toda a história para sua família e que eles iriam ajudar o casal. Então, Sanfona e Violão também compartilharam o que estava acontecendo com os pais de Sanfona, mas estes os incriminaram e disseram que não iriam apoiar nem o casamento e nem a gravidez, porque era uma vergonha para a família. E mesmo sem o apoio da família de Sanfona, o casal adolescente foi morar numa casa que fica atrás da residência dos pais de Violão. Violão terminou o segundo grau e continuou estudando após a notícia da gravidez, mas Sanfona abandonou os estudos, concluindo apenas o primeiro grau. Violão foi pai aos dezessete e Sanfona foi mãe aos quinze anos de idade. A filha do casal tem um ano e cinco meses. Sanfona tem planos para retornar a estudar e Violão está trabalhando como balconista. Os adolescentes afirmam que estão felizes, mas Sanfona gostaria de obter o apoio dos pais, para sua felicidade ser completa.

* **BATERIA E FAGOTE:** Bateria tem dezesseis anos e é filha única de uma família de classe média (segundo relato da adolescente). Estudou até o primeiro ano do segundo grau, mas acabou desistindo com o nascimento da filha. Fagote tem dezoito anos e é filho de uma família de classe média/baixa (segundo relato do adolescente). Estudou até o primeiro ano do segundo grau e está atualmente desempregado. Bateria e Fagote se conheceram na escola e começaram a namorar, mas para surpresa dos adolescentes, aconteceu a gravidez. Bateria foi mãe aos quinze anos de idade e Fagote foi pai aos dezesseis anos de idade. Fagote tem o desejo de se casar com Bateria, mas não possui condições financeiras para manter uma casa. Por este motivo, o casal continuou namorando após o nascimento da filha, que tem um ano e oito meses de idade. Os pais de Bateria sustentam a neta e a filha. Fagote, sempre que possível, presenteia a namorada e a filha, mas não fornece nenhuma ajuda financeira mensal. Os adolescentes moram em casas separadas e mantêm relações sexuais, utilizando preservativo para evitar outra gravidez.

* **TROMPA E TROMPETE:** Trompa é uma adolescente de dezoito anos. Nasceu em Itapema, sendo que seu pai é caminhoneiro e sua mãe professora. Durante o verão, trabalha no *shopping* e durante o inverno, trabalha com digitação de trabalhos de conclusão de curso universitário. Trompa tem o segundo grau incompleto e não continuou a estudar por falta de recursos financeiros e devido o nascimento de sua filha, que tem dois anos. A família de Trompa é de classe média/baixa (segundo relato da adolescente). Trompete é um adolescente

de dezoito anos, com segundo grau incompleto e atualmente está desempregado, vivendo com o auxílio de seus pais, que são de classe média (segundo relato do adolescente). Trompete e Trompa namoraram por oito meses, mantendo relações sexuais, sem a preocupação de utilizar métodos anticoncepcionais, pois acreditavam que não aconteceria uma gravidez. Mas a gravidez aconteceu e Trompete comprou uma aliança e noivou com Trompa. A família de Trompa preocupou-se com o noivado, pois o casal adolescente não tinha condições de se auto-sustentar. Enquanto a barriga de Trompa crescia, a mesma decidiu terminar o relacionamento, pois acreditava que Trompete não tinha ainda responsabilidade para casar e o amor entre eles havia se apagado. Trompa foi mãe aos dezesseis anos e Trompete foi pai aos dezesseis anos de idade. Atualmente Trompa vive com seus pais, que a auxiliam nos cuidados com sua filha. Trompete visita esporadicamente a criança e quando consegue algum trabalho, leva um pouco de dinheiro para Trompa. Trompete é quase que um desconhecido para sua filha, que chama o avô materno de pai.

* **TUBA E TROMBONE:** Tuba tem dezoito anos. Sua família é de classe média/baixa (segundo relato da adolescente). Trombone tem dezenove anos e sua família é de classe média (segundo relato do adolescente). Tuba e Trombone começaram a namorar e a manter relações sexuais. Tuba, com a orientação da irmã mais velha, passou a tomar anticoncepcional, com o apoio de Trombone. Mas Tuba percebeu que seu namorado estava estranho, não se importando com a mesma, assim, decidiu parar de tomar o comprimido, porque sabia que se caso engravidasse, Trombone não a abandonaria. Nesta época, Trombone trabalhava de mensageiro em um Hotel de Itapema e tinha abandonado os estudos na oitava série. Depois de certo tempo, Tuba anunciou a gravidez e Trombone ficou decepcionado, pois sentiu-se enganado, mas apesar de tudo, viu-se na obrigação de “assumir” a criança. Então, com dezesseis anos foi pai e Tuba foi mãe aos quinze anos de idade. O casal foi morar na casa de trás dos pais de Trombone. Tuba aprendeu a fazer comida com a sogra e ficava durante o dia esperando pela volta do namorado do serviço. Durante a gestação, começou a apresentar hipertensão, mas o namorado trabalhava e não podia dar a atenção suficiente para a mesma. Depois de tudo planejado, decidiu retornar para a casa da mãe, pois sabia que lá seria melhor cuidada. Saiu da casa dos sogros, sabendo que o relacionamento não teria mais volta. Tuba não retornou aos estudos após a gravidez, porque não tinha com quem deixar sua filha de três anos de idade. Trombone trabalha no mesmo local, continua enviando dinheiro para a filha, mas a vê muito pouco. Sabe que deveria ser um melhor pai, mas sente-se como se não o fosse,

pois tem pouco contato com a criança. Acredita que exerce a paternidade apenas nos momentos de enviar dinheiro para a filha. A família de Tuba não gosta de Trombone, por acreditar que o mesmo não lhe dá a atenção devida. Hoje, Tuba está namorando e percebe que fez uma grande “doidice” em sua vida, mas nesta “doidice” surgiu algo muito bom, que é sua filha.

* **CLARINETA E SAXOFONE:** Saxofone é de uma família muito rica de Itapema (segundo relato do adolescente). Enquanto cursava o segundo grau, conheceu Clarineta, por quem apaixonou-se completamente. Clarineta é de uma família de classe média/baixa de Itapema (segundo relato da adolescente). Os adolescentes começaram a namorar na escola, mas os pais de Saxofone não aceitavam o relacionamento pela diferença de classe social existente entre os mesmos. Os pais de Clarineta apreciavam o namoro, mas tinham receio da família de Saxofone. Apesar da proibição dos pais de Saxofone, os adolescentes continuaram o namoro e iniciaram sua vida sexual, não preocupando-se, propositalmente, em evitar a gravidez, pois acreditavam que se isto acontecesse, esta seria a única forma de unirem-se. No término do segundo grau, aconteceu a gravidez, sendo que Saxofone e Clarineta tinham dezessete anos quando foram pais. Com a notícia da gravidez, Saxofone abandonou, às escondidas, sua casa e foi morar na casa de cima dos pais de Clarineta. Os pais de Saxofone continuaram não aceitando o relacionamento dos adolescentes, não considerando a criança como neta. Até então, Saxofone não havia trabalhado e com o apoio do sogro, conseguiu um emprego de pedreiro. Clarineta, para auxiliar no orçamento da casa, passou a trabalhar como balconista numa papelaria, enquanto sua mãe cuidava da criança. A mãe de Saxofone adoeceu e apesar de toda rejeição que Clarineta sofreu por parte da família do namorado, resolveu auxiliar nos últimos cuidados com a sogra, que acabou morrendo logo depois. O relacionamento dos adolescentes começou a se esfriar e Saxofone decidiu separar-se de Clarineta, que sofreu imensamente. Hoje, Clarineta tem dezenove anos e mora numa casa, mantida por ela e por Saxofone, juntamente com sua filha de dois anos, que recebe semanalmente a visita do pai. Clarineta é imensamente feliz ao lado da filha e relata que a mesma é um tesouro em sua vida. Saxofone tem dezenove anos de idade e está namorando uma moça de Itapema, com quem pretende se casar.

* **PIANO:** Piano é filho de uma família de classe média de Itapema (segundo o relato do adolescente). Tem vinte anos de idade e trabalha como balconista. Namorou com várias garotas e já desde seus quinze anos, mantinha às escondidas, relação sexual com suas namoradas. Até que começou a namorar a mãe de sua filha e depois de dois meses, ela engravidou e Piano foi pai aos dezesseis anos de idade. Piano ficou desesperado, pois não amava o suficiente a namorada para casar, mas também não podia abandoná-la. Chegou a pensar na possibilidade de um aborto, mas acreditava que a criança não tinha culpa do erro do mesmo. Então, decidiu amasiar-se com a namorada e “assumir” a paternidade. Foi morar na casa dos pais da namorada e todo o seu salário investia nas roupas do bebê, ou ajudava nas despesas da casa. Mas a convivência com a namorada, a cada dia, foi tornando-se insuportável, pois a mesma era muito ciumenta e imatura, impedindo-o por diversas vezes até de ir trabalhar. Piano saiu da casa dos sogros e foi morar novamente com os pais. Sua filha nasceu e mensalmente passou a enviar parte de seu salário para a mãe de sua filha. Hoje, a filha de Piano tem quatro anos e o mesmo quase não a vê, pelo fato de a família da ex-namorada não apreciar suas visitas. Os pais de Piano, quando podem, visitam a neta e a consideram como tal. Com o afastamento da filha, Piano, por muitas vezes, até esquece-se de que é pai, apesar de honrar pelo menos financeiramente nos cuidados com a filha. Trompete estudou até a oitava série e por opção, abandonou os estudos. Não foi possível entrevistar a ex-namorada e mãe da filha de Piano, porque a mesma não aceitou participar deste estudo.

* **RABECA:** Rabeca é uma adolescente de dezoito anos de idade. Seu pai morreu quando a mesma tinha onze anos. Ela mora com a mãe e um irmão e são de classe média (segundo relato da adolescente). Desde a oitava série estudava com o pai de sua filha e o que era apenas um namorico foi crescendo, até que passaram a relacionar-se de maneira mais séria. Então, Rabeca passou a tomar anticoncepcional, mas como engordou, parou e o casal adolescente começou a usar preservativo. Por surpresa e desespero dos adolescentes, a gravidez aconteceu. Rabeca contou para a prima e juntas fizeram o teste na farmácia para verificar se Rabeca estava mesmo grávida. Com o resultado positivo, Rabeca resolveu contar para o namorado, mas ele afirmou-lhe que a única coisa que podia oferecer-lhe era registrar a criança, mas não podiam casar-se porque não tinham como se sustentar. Assim, Rabeca pediu auxílio da tia e da prima e estas contaram o que estava acontecendo para sua mãe, que deu-lhe muitos conselhos e a auxiliou durante toda a gravidez. Rabeca foi mãe aos dezessete anos, parou de estudar e depois do nascimento da criança, começou a trabalhar como secretária de

dentista, enquanto sua mãe cuida de sua filha de um ano e cinco meses. O pai de sua filha mudou-se com a família para Jaraguá do Sul, com a finalidade de conseguir melhores oportunidades de emprego. Ele compareceu no aniversário de um ano da filha, mas depois disto, não apareceu nem enviou notícias. Portanto, não foi possível entrevistar o ex-namorado e pai da filha de Rabeca.